

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Karine Storck

## **ARTE E ESCOLA**

Relações do público escolar com a arte contemporânea  
e possíveis estratégias de aproximação

**Porto Alegre, dezembro de 2011.**

Karine Storck

## ARTE E ESCOLA

Relações do público escolar com a arte contemporânea  
e possíveis estratégias de aproximação

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Artes  
Visuais pelo Curso de Artes Visuais da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientadora:

**Profª Drª Paula Ramos**

Banca Examinadora:

Profª Drª Andrea Hofstaetter

Profª Drª Luciana Gruppelli Loponte

**Porto Alegre, dezembro de 2011.**

*A meus pais, Ari e Teresa, que sempre me  
incentivaram a seguir em frente, apoiando  
incondicionalmente minhas escolhas...  
Pessoas que deram todo o amor e suporte  
necessário para que eu crescesse,  
e que constituem a base do meu ser.*

## Agradecimentos

A todos que fizeram e fazem parte da minha formação, desde a pré-escola;

À minha família, pelo amor incondicional;

Ao meu companheiro Gustavo, que me fez e faz ver possibilidades maiores do que eu vejo. Por estar sempre ao meu lado, mesmo com ideias diferentes das minhas;

Aos professores e professoras que me acompanharam nesta trajetória e que foram sempre abertos ao diálogo, sendo mestres admiráveis;

Agradeço especialmente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino de qualidade e pelas oportunidades concedidas;

À equipe do Projeto Pedagógico da Fundação Bienal do Mercosul, que desde 2007 me faz ver a arte na educação de maneira especial;

Aos professores do Colégio de Aplicação da UFRGS, que no ano de 2009 me ensinaram a perceber as inúmeras possibilidades do ensino em artes visuais. Por serem sempre amigos antes de colegas e por estarem sempre abertos a trocas e conversas;

Às escolas que me possibilitaram realizar estágios extracurriculares;

À querida colega e amiga Vera, que segue sempre me acompanhando, pelas conversas, risos, dicas e exemplo de vida;

À professora Betina e seu esposo Rogério, pela dica do primeiro estágio em um espaço formal de ensino;

À escola em que realizei esta pesquisa, E.E.E.F. Estado do Rio Grande do Sul, e, especialmente, aos alunos que me motivaram a acreditar no meu trabalho, a prosseguir, a escrever e a refletir sobre a minha prática docente;

À Adriana Daccache, pelo apoio, incentivo, parceria, disponibilidade e tudo mais que só ela sabe e pode oferecer sempre, pelo amor e carinho em tudo o que faz, também me fazendo (re)pensar no meu trabalho como arte-educadora assim como em minha postura frente à vida;

Às professoras Andrea Hofstaetter e Luciana Gruppelli Loponte, que fazem parte da banca avaliadora, pelo carinho e atenção durante o curso e sempre;

Especialmente à professora Paula Ramos, pelo exemplo de professora-pesquisadora e, principalmente, pela indispensável orientação na realização deste texto.

**“Educamos para transformar o que sabemos,  
não para transmitir o já sabido.”**

Jorge Larrosa e Walter Kohan  
(in: RANCIÈRE, 2010, p.5)

## Resumo

O presente trabalho discute o lugar das artes visuais na educação formal, por meio da vivência com estudantes das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino, situada na zona central de Porto Alegre. A pesquisa se desenvolveu conjuntamente à disciplina de Estágio em Artes Visuais, e tem como principal objetivo pensar estratégias de aproximação do público escolar em relação à arte, mais especificamente à arte contemporânea. Para tanto, foram realizadas atividades de sondagem, visando conhecer as ideias deste público sobre o tema em questão; na sequência, foram elaboradas algumas propostas de ensino/aprendizagem, buscando estimular ou incrementar esse contato. A investigação, portanto, pauta-se no convívio, na proposição de alternativas, na realização de atividades mobilizadoras e na reflexão a partir dos resultados obtidos.

**Palavras-chave:** ensino de arte; público escolar; arte contemporânea; estratégias.

## **Abstract**

The present study discusses the position of the visual arts in formal education, through experience with students from the final grades of middle school in a state public school, situated in the central zone of Porto Alegre. The research was developed in conjunction with the Visual Arts Training, and has as main objective to think of strategies to approach the students in relation to art school, more specifically to contemporary art. To this end, probing activities were conducted, to determine the ideas of the public on the issue at hand, and then, some teaching/learning proposals have been prepared trying to stimulate or increase this contact. Therefore, the investigation is based on the interaction, in proposing alternatives, in carrying out activities, mobilizing and reflection from the results obtained.

**Keywords:** arts education, public school, contemporary art, strategies.

## Lista de Imagens

Fig. 1 - Leticia Lampert (1978), <i>Escala de Cor das Coisas</i> , 2009 .....	44
Fig. 2 – Artur Barrio (1945), <i>Livro de carne</i> , 1978-79 .....	44
Fig. 3 – Piero Manzoni (1933 – 1963), <i>Merda d’artista</i> , 196 .....	45
Fig. 4 – Marcel Duchamp (1887 – 1968), <i>A Fonte</i> , 1917 .....	45
Fig. 5 – René Magritte (1898 – 1967), <i>A traição da imagem</i> , 1929 .....	45
Fig. 6 – Encontro da artista Adriana Daccache com os alunos. ....	45
Fig. 7 – Alunos trabalhando na produção dos livros/cadernos .....	46
Fig. 8 – Alunos trabalhando na produção dos livros/cadernos .....	46
Fig. 9 – Leonardo da Vinci (1452 – 1519), <i>Mona Lisa</i> , 1503-05.....	49
Fig. 10 – Marcel Duchamp (1887 – 1968), <i>L.H.O.O.Q.</i> , 1919 .....	49
Fig. 11 – Nelson Leirner (Brasil, 1932), <i>La Gioconda</i> , 1999.....	49
Fig. 12 – Capa da revista <i>The New Yorker</i> , julho de 1995 .....	50
Fig. 13 – Cruzamento das imagens da <i>Mona Lisa</i> , de Da Vinci, e de fotografia de Monica Levinski .....	50
Fig. 14 – Agência de Publicidade W/Brasil Mon Bijou deixa sua roupa uma perfeita obra-prima, Início dos anos 2000 .....	50
Fig. 15 – Mauricio de Sousa (1935), <i>Mônica Lisa</i> , 2004 .....	50
Fig. 16 – Michelangelo (1475-1564), <i>O Juízo Final</i> , (1535-1541) .....	51
Fig. 17 – Os Gêmeos, <i>sem título</i> , 2004.....	51
Fig. 18 – Lais Myrrha (1974), <i>Onde nunca anoitece</i> , 2011 .....	52
Fig. 19 – Richard HAMILTON (1922), <i>O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?</i> , 1956 .....	52
Fig. 20 – Cildo MEIRELES (Brasil, 1948), <i>Inserção em circuitos ideológicos 2 – Projeto Cédula: Quem matou Herzog?</i> , 1970.....	53
Fig. 21 – Arminda Lopes (1947), <i>Monumento à mãe e ao bebê</i> , 2005 .....	53



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1. AS IDEIAS DO PÚBLICO ESCOLAR EM RELAÇÃO À ARTE</b> .....	<b>19</b>
1.1 As ideias iniciais .....	20
1.2 Verdadeiro ou falso? .....	25
1.2.1 Primeiro grupo: a visão renascentista .....	26
1.2.2 Segundo grupo: <i>maturidade</i> e “espírito crítico” .....	27
1.2.3 Terceiro grupo: aparente <i>desconhecimento</i> das questões .....	28
<b>2. PROPOSIÇÕES/ESTRATÉGIAS: A VIVÊNCIA EM SALA DE AULA</b> .....	<b>33</b>
2.1 O contato com uma exposição de artes visuais .....	38
2.2 Outras formas de pensar uma exposição de arte, a obra de arte e o próprio artista .....	42
2.3 Alinhando história e arte .....	47
2.4 Um percurso fora do espaço escolar .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>63</b>
<b>APÊNDICES</b>	
Apêndice I – Modelo da ficha preenchida por cada aluno. ....	66
Apêndice II – Primeiro questionário de sondagem. ....	67
Apêndice III – Tabulação dos resultados do primeiro questionário .....	68
Apêndice IV – Segundo questionário de sondagem. ....	80
Apêndice V – Cronograma de trabalho com os alunos durante o 2º semestre de 2011 (resumido) .....	82
Apêndice VI – Roteiro para trabalho de visita à uma exposição de arte. ....	87
Apêndice VII – Descrição do trabalho realizado em sala de aula a partir da mostra 6 bilhões de Outros. ....	88

Apêndice VIII – Descrição do desenvolvimento da produção/criação dos livros de artista. ....	89
Apêndice IX – Orientações para o trabalho de pesquisa. ....	90
Apêndice X – Descrição da atividade “alinhavando história e arte” .....	92
Apêndice XI – Material utilizado na dinâmica descrita no Apêndice X.....	94
Apêndice XII – Bilhete referente à atividade na 8ª Bienal do Mercosul.....	95
Apêndice XIII – Descrição da visita a mostra <i>Geopoéticas</i> .....	96
Apêndice XIV – Roteiro para atividade escrita.....	98
Apêndice XV – Segunda versão do questionário de sondagem .....	99
Apêndice XVI – Termo de consentimento.....	101

## **ANEXOS**

Anexo I – Questões da Prova do ENEM 2011.....	102
Anexo II – Localização da escola. ....	103

## INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser pensado a partir de reflexões sobre arte contemporânea, de observações sobre o ensino/aprendizagem de arte em instituições formais e não-formais de ensino (educação escolar, ações educativas de museus e espaços culturais, oficinas de arte informais), de visitas a exposições, ideias e discussões compartilhadas com amigos e, principalmente, a partir de reflexões pessoais sobre o *como* ensinar “artes visuais”, ou melhor, sobre o *como* aproximar as pessoas desse campo de conhecimento.

Não é necessário ir muito longe para perceber o imenso descompasso que há entre a produção artística contemporânea e o ensino de arte na escola. A ideia inicial da pesquisa era, a partir dessa realidade, trabalhar pela seguinte via: supondo que a relação dos alunos com a arte ainda estivesse enraizada simplesmente nos conceitos de “belo” e “feio”, tratar de desconstruir e esmiuçar esses conceitos, desnaturalizando e ampliando suas relações para, a partir de então, introduzir novos conceitos e questões que problematizam o cenário atual da arte.

O contato direto com os alunos (de faixa etária entre 10 e 15 anos) iniciou-se muito antes do previsto<sup>1</sup> e, em questão de duas semanas, percebi que discutir a permanência de valores como “belo” e “feio” já não poderia ser a questão central da minha pesquisa, apesar de continuar sendo uma das questões-chave para o desencadeamento do trabalho. Pude perceber que a “visão renascentista”<sup>2</sup> da arte, infelizmente, está presente na grande maioria desses alunos “contemporâneos”, assim como, acredito que, de grande parte do público em geral.

Nesse momento, com tantas questões efervescendo, dei-me conta de que minha prática estava em andamento, e mesmo que eu quisesse, já não poderia mais ignorá-la. Na disciplina de Estágio em Artes Visuais I, primeiramente escolhe-se uma

---

<sup>1</sup> Iniciei como docente na escola durante a última semana do mês de abril de 2011, cerca de três meses antes da realização do estágio curricular supervisionado (disciplina de Estágio em Artes Visuais II), que iniciaria no mês de agosto de 2011.

<sup>2</sup> Ao usar a expressão “visão renascentista”, refiro-me ao tipo de espaço plástico construído durante o Renascimento, sobretudo no campo da pintura. Na construção desse espaço, os artistas se valiam de sistemas compositivos como a perspectiva, criando, com isso, a ilusão de tridimensionalidade num plano bidimensional. As estratégias da perspectiva, e o uso de efeitos como luz e sombra, fazem com que essas obras tenham um impressionante naturalismo na representação, criando aquilo que chamamos de “*janela da ilusão*”.

instituição de ensino para a realização da prática docente e, além de realizar um mapeamento da instituição, o estudante de Licenciatura em Artes Visuais acompanha previamente as turmas nas quais irá realizar o estágio, observando os grupos durante dois meses nas aulas de artes ministradas pelo professor efetivo da disciplina. No caso, não tive essa experiência, pois assumi diretamente como professora das turmas, através de um contrato temporário de professor.<sup>3</sup>

Difícil analisar a própria prática, difícil observar-se e colocar em questão algo feito por si mesmo. Passei a ver muitas coisas que talvez não visse, se estivesse envolvida na instituição apenas como estagiária. Além de grande responsabilidade, como toda profissão, o trabalho docente exige doação, comprometimento e muito amor. Mas não aquele amor predestinado, e sim um amor pela escolha profissional, aquele que se renova constantemente e que, independente da profissão, torna-a prazerosa e interessante.

Para estabelecer essa relação de trabalho é indispensável conhecer e ter muito bem aclarado: onde, com quem e por que(m) se trabalha. Portanto, que escola é essa? Quem são os alunos? Em que contexto eles vivem? O que eles pensam sobre a escola? E, mais: o que eles pensam sobre uma “aula de artes”, ou mesmo sobre “arte”?

Nessa fase inicial do trabalho, dediquei-me à preparação de instrumentos de sondagem específicos (questionários, dinâmicas, etc.), para obter um resultado mais objetivo e expressivo, abarcando todos os alunos com quem convivo semanalmente. Porém, considero extremamente relevante destacar a importância da sondagem que é realizada constantemente pelo professor no cotidiano escolar. Essa abertura da relação professor-aluno é fundamental, e me parece uma das questões-chave que ainda precisa ser trabalhada com mais eficácia na educação formal.

Assim sendo, o grupo com o qual desenvolvi as atividades que discuto neste trabalho são os alunos das séries finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) da Escola Estadual de Ensino Fundamental Estado do Rio Grande do Sul

---

<sup>3</sup> A Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC – RS) possui um banco de contratos, no qual os candidatos realizam a inscrição através de editais públicos, em que o requisito básico é Licenciatura Plena na disciplina do curso de inscrição ou “frequência comprovada em curso superior de formação de professores, no mínimo 4º semestre, somente na disciplina de inscrição”. Havia me inscrito no edital nº 34/2008, momento em que recém concluí o 4º semestre do curso.

(EEEFERGS), localizada na zona central da cidade de Porto Alegre, na Rua Washington Luiz.<sup>4</sup> Esse público inicialmente estava caracterizado por um grande número de alunos provindos da Vila Chocolateiro,<sup>5</sup> que acabaram sendo transferidos da escola em função da transição das moradias a outro espaço da cidade. Isso, sem dúvida, alterou a caracterização do público escolar, havendo, a partir de então, uma predominância de alunos que vivem nos bairros Centro e Cidade Baixa.

Faço questão, aqui, de comentar brevemente como se deu o contato com esses alunos. O primeiro encontro com cada turma foi dedicado a uma dinâmica fora do “espelho de classe”,<sup>6</sup> com todos os alunos sentados no chão, formando um círculo no centro da sala de aula. Depois de me apresentar, e de realizada uma apresentação individual, de cada um dos alunos, pedi que eles definissem “o que é uma aula de artes” com apenas uma palavra, sem repetir as palavras já mencionadas. Após essa rodada, solicitei que escolhessem também uma palavra para definir “o que/como deveria ser uma aula de artes”. Hoje penso que poderia ter utilizado essa dinâmica para que eles definissem o espaço escolar, mas tendo em vista que era o primeiro contato, foi interessante para conhecê-los e saber como eles viam a disciplina, e então saciar um pouco da insegurança de eu ainda não os conhecer.

As respostas foram as mais variadas, principalmente se compararmos as definições dos alunos de turmas de 5ª e 6ª séries, com os de 7ª e 8ª séries. Sem dúvida, o repertório de palavras dos menores era mais restrito, pois ainda não estavam familiarizados com *arte* como uma disciplina específica do currículo escolar.<sup>7</sup> É curioso que praticamente em todas as turmas, em resposta à primeira

---

<sup>4</sup> Essa escola teve seu início em 1959 (Governo Brizola), com a finalidade de atender aos alunos excedentes do Grupo Escolar Paula Soares, sendo chamada, então, “Anexo do Grupo Escolar Paula Soares”. Em 1962, recebe o nome de “Grupo Escolar Estado do Rio Grande do Sul” e, em 1970, muda-se para o atual prédio, na Rua Washington Luiz, 980.

<sup>5</sup> Vila localizada na Rua Loureiro da Silva, Centro Histórico da cidade Porto Alegre, durante 25 anos, onde viviam 181 famílias sem as mínimas condições de saneamento básico e infraestrutura. Foi transferida, no final do mês de maio de 2011, para um loteamento construído pelo Departamento Municipal de Habitação (Demhab) localizado na Avenida Protásio Alves, 9.099.

<sup>6</sup> Expressão corrente nas escolas, que se refere à distribuição dos indivíduos no espaço (cada aluno num lugar definido na sala de aula). O “espelho” (impresso ou escrito à mão em um papel), normalmente permanece afixado na mesa do professor, que é quem confere a organização do espaço.

<sup>7</sup> Nesta escola (assim como nas demais escolas da rede pública estadual), os alunos passam a ter a disciplina de Artes Visuais como componente específico curricular e com docente especializado na

questão, tenham sido mencionadas palavras como “bagunça” e “desorganização”, ou outras afins, inclusive um novo termo: “guerra de giz”. Para eles, portanto, aula de Artes Visuais era isso: *bagunça, desorganização, guerra de giz...* Em algumas turmas, principalmente nas de 8ª série, também surgiu a percepção de que as aulas apresentavam “falta de conteúdo” e, quando questionados sobre como deveriam ser os encontros, um grande número de alunos mencionou que deveria haver “mais imagens” e “história da arte”.

Ainda nessa fase inicial, realizei uma espécie de ficha cadastral (ver Apêndice I) de cada aluno, solicitando que preenchessem alguns dados, como por exemplo: idade, há quanto tempo estudava na escola, em que bairro vivia, se possuía acesso à Internet, etc. Essas informações desde o início se mostraram muito importantes e até mesmo reveladoras. Alguns estudantes, por exemplo, têm Internet em casa; há os que nunca acessam essa ferramenta, e outros que acessam uma vez por semana, quando vão à casa do pai (suponho que sejam filhos de casais separados, e somente exponho isso porque essa observação se verifica em um número muito expressivo de respostas). Alguns já vivenciam a adolescência, outros estão na infância, e outros em fase de transição, dividindo-se entre um comportamento adolescente-infantil, descobrindo-se, reconhecendo-se ou não... São alunos muito diferentes entre si e que, na escola, fazem parte de um grupo, de uma turma, que possuem imensas diferenças, impossíveis de serem desconsideradas. É esperado que as diferenças apareçam, mas equivocado ignorá-las, “igualando”, generalizando e fechando os olhos para questões tão gritantes. No entanto, como contemplá-las? Como não excluí-las ou simplesmente “naturalizá-las”? Como trabalhar com várias turmas<sup>8</sup>, sem menosprezar ou homogeneizar as especificidades do grupo<sup>9</sup> e individuais? Eis uma questão que, acredito, deve fazer parte do planejamento do professor. Em um artigo da revista *Pátio*, de 2002, a professora Sandra Corazza comenta:

---

área, a partir do Ensino Fundamental II, que corresponde à 5ª série, ou ao 6º ano do Ensino Fundamental.

<sup>8</sup> Aqui refiro-me aos diferentes níveis de ensino presentes dentro do Ensino Fundamental II, dados pela seriação escolar.

<sup>9</sup> Tanto do grupo como turma, nivelada por uma série, como dos diferentes grupos formados dentro da turma e que a compõem.

[...] em Pedagogia e no Currículo, trata-se de trabalhar, sempre, com as diferenças, reforçá-las e problematizá-las radicalmente, enfatizar as suas dinâmicas, viver todas as suas experiências inquietantes e misteriosas. É por suas alteridades que estamos sendo interpelados e desafiados, como educadores. Foi para isso que os diferentes desequilibraram as relações conhecidas, dissiparam a segurança identitária, tornaram estranho tudo o que antes era tão familiar. Para que, junto com eles, assumíssemos a responsabilidade ética de educá-los em sua própria diferença. Ou aprendemos as lições deste tempo e fazemos os diferentes e suas culturas entrarem, efetivamente, em nossos currículos e práticas pedagógicas, ou vamos acabar cedendo nosso lugar de educadores críticos para os a-críticos funk, futebol, ruas, gangues, drogas, internet, prostituição infantil, filmes da Disney, tele-turma, tele-namoro, tele-sexo, Show do Milhão. Ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila de nosso trabalho pedagógico e curricular, ou seremos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo. E o que é mais grave: não estaremos educando nossos alunos para um porvir plural e criativo, em que a educação faça diferença. (CORAZZA, 2002, p. 47)

Pensando então em um projeto para esses alunos, despontaram as seguintes perguntas: Quais são as ideias que eles têm em relação à arte? Que tipo de arte eles conhecem? O que consideram arte? Que termos usam ao referir-se a ela? Daí a necessidade de melhor conhecê-los, para que se possa pensar em um planejamento de aulas/encontros que façam a eles algum sentido, que proporcionem um conhecimento que não se esgotará, mas que estará sempre em movimento, em questionamento, em reelaboração. Isso porque, penso eu, a arte e a reflexão sobre ela deve fazer parte do cotidiano das pessoas. Quando me questiono sobre o que, de fato, considero ter aprendido da educação básica, rapidamente despontam propostas que estavam fora ou que eram tangentes ao currículo oficial. Então, por que não usar as aulas para pensar num conhecimento para a vida? Por que não pensar em currículos específicos a cada contexto escolar? Será que outras questões que não especificamente as das “listagens de conteúdos” não poderiam ser úteis aos alunos? Deixar passar oportunidades cotidianas de compor o currículo em vista de um “currículo” a seguir? Deixar de realizar projetos que não podem ser classificados/contemplados dentro de uma única disciplina por medo ou por considerar perda de tempo?

Sem dúvida, existem inúmeros interesses e questões envolvidas na educação, assim como em todas as esferas da sociedade. De acordo com o que menciona a professora Luciana Loponte: “As relações de poder estão em toda parte, a docência nunca é neutra e muda, mesmo que aparentemente se apresente desta

forma” (LOPONTE, 2006, p.44). Portanto, nós, professores, que estamos convivendo diariamente no cenário escolar, continuaremos trabalhando em função de algo em que não acreditamos? Continuaremos dedicando nosso tempo e nossa vida a esse tipo de educação, pensada por economistas? Ensinando os alunos meramente para provas de “medição”, como a “provinha Brasil”, ou mesmo para o vestibular? Como esse tipo de teste avalia? O que esse tipo de avaliação quer, além de números?

Cabe mencionar a inserção da disciplina de Artes Visuais na prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas só isso é suficiente?<sup>10</sup> A arte na escola já possui um caráter ampliado (aqui tendo como base os PCNs), mas efetivamente nas aulas de arte, o que se tem trabalhado? Como esse trabalho é realizado? Qual é o espaço, falando propriamente em carga horária, da arte na escola? Sabemos que é um horário reduzidíssimo, geralmente de 50 minutos por semana. Diante desse quadro, que estratégias podem ser utilizadas para que esse horário diminuto se amplie em suas possibilidades? Como fazer com que os alunos não se sintam “obrigados” a estar na escola e a realizar as propostas simplesmente pela “nota”? Como trabalhar em um sistema tão cheio de questões burocráticas, normas, regras e proibições, de forma que o pouco tempo de contato com os alunos seja realmente útil – no sentido de produzir algo significativo para esse próprio aluno, de instigar a pensar, a ver as coisas de forma diferente, de sentir prazer em estar ali na sala de aula e usar este tempo (escolar) para crescimento individual e coletivo, para conhecimento e autoconhecimento?

Uma vez mais, penso que é fundamental para uma prática docente crítica e reflexiva que se conheça minimamente a realidade dos alunos e que se (re) pense a prática diariamente, questionando-se acerca de que alunos se quer formar; por que se está [nós e eles] ali; o que o contexto escolar nos permite, nos proporciona ou nos inibe a fazer; o papel do professor diante da realidade escolar pública e estadual gaúcha; por que se quer ser professor; por que *escolher* esse

---

<sup>10</sup> Aqui tomo como exemplo uma das questões presente na prova (2011), que questiona os “elementos plásticos identificados” na obra *Guernica*, de Pablo Picasso. A alternativa correta é: “painel ideográfico, monocromático, que enfoca várias dimensões de um evento, renunciando a realidade, colocando-se em plano frontal ao espectador.” Trata-se de um dos exemplos de questão confusa, além de mal formulada, que nos faz questionar acerca da relação destas provas com a educação. Sobre as questões relacionadas às Artes Visuais, ver Anexo I.



trabalho/profissão. Sim, são muitas as perguntas que eu me proponho, mas é que são elas, também, que me movem e que estimulam a minha prática docente.

O principal objetivo desta pesquisa não é, de forma alguma, encontrar respostas para todas as questões acima apontadas, mas de, a partir delas e de outras que seguem surgindo, buscar/encontrar/criar estratégias factíveis para o trabalho do professor de arte na escola, que visem uma maior aproximação dos alunos em relação à arte e, em especial, à arte contemporânea. Todo o material produzido foi extremamente importante para a realização deste texto, desde os questionários, passando pelas reflexões escritas e pelos trabalhos de pesquisa, dos discentes, entre outros.

Na redação do texto, optei por organizar o trabalho em três partes. A primeira apresenta e analisa os dados da sondagem inicial, realizada no mês de maio de 2011. Para tal, foi aplicado um questionário<sup>11</sup> (Apêndice II), pautado no modelo do “Verdadeiro ou Falso” (V ou F), cujos dados tornaram possível o agrupamento dos estudantes em três grupos, a partir de suas percepções iniciais sobre a arte. Essa averiguação foi fundamental e propulsora do planejamento das estratégias adotadas.

Na segunda parte, apresento algumas dessas estratégias, seu desenvolvimento e resultados. Paralelamente à descrição dessas atividades, discorro analiticamente, apontando suas eventuais virtudes, mas também falhas.

Na terceira e última parte, as considerações finais. Depois de cinco meses de trabalho com os estudantes, julguei interessante aplicar o mesmo questionário realizado nos primeiros contatos; todavia, não solicitei apenas a indicação de um “V” ou de um “F”, mas o comentário escrito sobre cada uma das respostas; tal material também indica boas surpresas.

Para realizar essa empreitada, foram referências importantes os escritos de Ana Mae Barbosa, Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque, Fernando Hernández, Michael Parsons, Arthur Efland, entre outros, sobre a prática docente, além dos apontamentos da professora e pesquisadora Sandra Corazza, que discute a filosofia

---

<sup>11</sup> Nessa primeira análise são tabulados no total 163 questionários, que correspondem aos estudantes de 5ª a 8ª série.

da diferença. Já sobre arte contemporânea, são autores fundamentais: Anne Cauquelin e Catherine Millet, além do despretensioso texto *O que é arte* de Jorge Coli, que reflete sobre a arte de maneira ampla, considerando a música, o teatro e as artes visuais.

Mesmo que de forma não explícita, os conceitos discutidos pelos autores acima mencionados, como *abordagem triangular* (BARBOSA), *cultura visual* (HERNÁNDEZ), *desafios contemporâneos da arte-educação* (PARSONS e EFLAND) estão presentes e permeiam o desenvolvimento da pesquisa como suporte e referência para a professora-pesquisadora.

O trabalho que ora se apresenta, portanto, é resultado de uma *vivência*, da experiência que tive em sala de aula. Creio que os apontamentos que ele traz e os questionamentos que suscita podem ser importantes para o debate sobre a relação que nós, professores de arte, estabelecemos com os alunos no cotidiano escolar assim como com a escola, a partir da posição de “especialistas” nessa área de conhecimento.



Este capítulo discute as ideias do público escolar em relação à arte e, em especial, à arte contemporânea. Para tanto, como já indicado na Introdução do trabalho, parto de entrevistas e questionários realizados com os estudantes.

Lembro, no entanto, que o público escolar não é composto somente por alunos, o público discente, é também formado pelo corpo docente. Para esta pesquisa, meu foco está no corpo discente da escola; entretanto, em alguns momentos, abordo questões surgidas do cotidiano escolar, pois considero que essas refletem diretamente nas ideias dos estudantes.

### 1.1 As ideias iniciais

Certa vez, entrando na sala dos professores da escola na qual realizei esta pesquisa, presencio o seguinte diálogo:

[Professora 1] *Ah! Monet eu até gosto!*

[Professora 2] *Hmm... É, Monet até vai...*

[Professora 1] *Mas o resto...*

[Professora 2] *Não, o resto não dá pra engolir!*

[Professora 3] *Mas gurias, vocês tem que ver que na história...*

[Professora 2] *Ah! Nem vem! Depois que começa Picasso e tal, já não dá mais para aceitar. É um absurdo!*

Observando que a conversa era em torno de arte, senti-me à vontade para me aproximar do grupo. Tentei prosseguir o diálogo, falando de rupturas, de alguns movimentos e artistas. Mas, a bem da verdade, seguimos a conversa somente eu e a Professora 2, pois as demais colegas não se mostraram nem convencidas, nem interessadas, e acabaram iniciando outro assunto.

A situação descrita acima mostra a postura de alguns professores frente à arte e indica o que eles pensam sobre o assunto, sugerindo certo preconceito em relação à arte pós-Monet, ou seja, em relação à arte moderna e à arte contemporânea. Então, como nós, professores de arte, vamos querer que os alunos tenham uma postura diferenciada, aberta e reflexiva, se os próprios colegas (professores) apresentam tal atitude frente ao que desconhecem? Sobre isso, vale uma digressão de Fernando Sabino acerca do “desconhecido”:

Desde que os homens se organizaram em sociedade, tiveram de depender do lugar-comum para sobreviver. Segundo Mencken, ele nasceu do medo do desconhecido. A segurança da sociedade humana estaria na suposição de que o homem reagirá sempre de maneira já conhecida e consagrada, para não criar uma nova situação que ninguém saberia enfrentar: exigiria o exercício do pensamento independente, o que “para muitos é totalmente impossível, e para grande maioria bastante penoso”. (SABINO, 1984, p. 13)

A escola, espaço, por excelência, da construção de conhecimento, é permeada por uma profusão de “lugares-comuns” e de “ideias verdades” que, de certa forma, já fazem parte do cotidiano e por vezes passam “despercebidos”.<sup>12</sup> Porém, na busca por uma docência crítica e reflexiva, não há como ignorá-los. Assim como Sabino discorre sobre o conforto do lugar-comum, Sandra Corazza e Julio Groppa Aquino apresentam, no *Dicionário das ideias feitas em educação* (2011), conceitos já convencionados ao cotidiano escolar e que atuam na instituição escolar como verdades absolutas e inquestionáveis. Como exemplo, tomo as definições conferidas às palavras *compreender* e *verdade*, “traduzidas” no dicionário respectivamente como: “Que insistência! (A que leva?)” e “Cada um que fique com a sua” (AQUINO & CORAZZA p. 37 e 153). Inspirados em Gustave Flaubert<sup>13</sup>, os autores trazem à reflexão, através de tom irônico, questões presentes no contexto escolar que, a meu ver, muitas vezes desestimulam o caráter inovador de professores em início de carreira e acomodam docentes mais antigos.<sup>14</sup>

Partindo desse ponto, no que tange à disciplina popularmente conhecida como “Educação Artística”, uma das ideias correntes é a de que o professor de artes é aquele que “faz trabalhos manuais”; aquele que cuida da decoração da escola, que conhece e domina diferentes técnicas e que “ensina” essas técnicas aos alunos. Um exemplo de como essa ideia ainda é predominante pode ser percebido na situação descrita abaixo:

---

<sup>12</sup> Pois de tão comuns que se apresentam, parecem ser parte característica do local.

<sup>13</sup> Gustave Flaubert (1821–1880) autor do *Dictionnaire des idées reçues* (Dicionário das Ideias Recebidas).

<sup>14</sup> Maria Letícia Vianna, arte-educadora e artista visual também desenvolve pesquisa nessa linha (relacionada diretamente às ideias de Flaubert). Ela estabelece relações entre os desenhos escolares (na grande maioria estereotipados) como “desenhos recebidos”, e mais recentemente amplia sua pesquisa com a publicação *Desenhando com todos os lados do cérebro* (2010), em que propõe exercícios que unem observação e imaginação, visando possibilidades de transformação das imagens escolares.

Diante dos professores da escola, a diretora e a coordenadora pedagógica informam:

[Diretora] *Bom, as férias de inverno estão chegando, e como vocês sabem, em uma das semanas, nós teremos a tradicional Jornada Pedagógica da Escola.*

[Coordenadora] *Nesse ano, não gostaríamos de chamar ninguém para palestrar ou propor atividades. Gostaríamos que cada área promovesse algum trabalho ou atividade. O que vocês acham?*

[Silêncio]

[Professora 1] *Hmm...*

[Professora 2] *Interessante...*

[Diretora] *E aí, alguém tem alguma ideia?*

[Coordenadora] *Pensamos que as colegas de português pudessem propor algo sobre o novo acordo ortográfico; a Andréia, da Educação Física, pode ficar com a parte da recreação, e a Elisa, que é professora de loga, também pode fazer algo, o que lhes parece? Alguém mais gostaria de trazer algo de sua área?*

[Autora] *Eu poderia propor algo sim!*

[Professora 3] *Isso, tu poderia nos ensinar patina, né...*

[Professora 4] *Sim! Dizem que não é muito difícil e a gente precisa fazer alguma atividade assim... É bom para relaxar, pensar em outra coisa.*

O caso acima relatado só reforça a constatação já indicada anteriormente. A compreensão da disciplina de “Educação Artística” (ou deste campo de conhecimento) vai pouco além de atividades práticas e “criativas”. É muito presente a relação com o fazer manual e com o artesanato. Se, no campo artístico, várias fronteiras e conceitos há muito foram rompidos, inclusive no que tange à “manualidade” do fazer artístico, no ambiente escolar essa situação não é bem assim – pelo contrário.

Diante da compreensão basilar das ideias do corpo docente, parte-se para o trabalho com o discente. Conhecer minimamente a realidade dos alunos, assim como a postura por eles adotada em relação à disciplina “arte” e a este campo de conhecimento é indispensável para uma prática docente coerente/sensível, crítica e reflexiva. Para isso, o meu primeiro contato com os alunos (assim como os encontros iniciais) foi dedicado especificamente a atividades de sondagem, através de questionários (ver Apêndices I, II e IV), dinâmicas e conversas durante as aulas.

Para entender o que os alunos pensavam sobre a aula de artes, realizei a experiência descrita abaixo:<sup>15</sup>

Com mesas e cadeiras afastadas, deixando livre o centro da sala de aula, fizemos uma roda, sentando no chão, para a primeira conversa. Todos tinham a “mesma altura”, todos podiam observar uns aos outros. Deixei claro que a “regra do jogo” era a sinceridade. E começamos.

[Autora] *Em uma palavra: O que, para vocês, é uma aula de artes?*

[Alunos]	<i>impertinente</i>	<i>cores</i>	<i>ruim</i>	<i>nada</i>	
	<i>inútil</i>	<i>bagunça</i>	<i>dormir</i>	<i>confusão</i>	<i>risada</i>
	<i>barulho</i>	<i>merda</i>	<i>extraordinário</i>	<i>livre</i>	
<i>chato</i>	<i>ódio</i>	<i>direção</i>	<i>desrespeito</i>	<i>entediante</i>	
	<i>péssima</i>	<i>divertida</i>	<i>“perda de tempo”</i>		

[Autora] *Mais uma vez, em uma palavra: Como deveria ser uma aula de artes?*

[Alunos]	<i>aula livre</i>	<i>obras</i>	<i>museu</i>	<i>ideias</i>
<i>diversão</i>	<i>maquete</i>	<i>matéria</i>	<i>viagem</i>	<i>história da arte</i>
<i>novidades</i>	<i>respeito</i>	<i>pintura</i>	<i>interesse</i>	
<i>textos</i>	<i>passeio</i>	<i>música</i>	<i>teatro</i>	
	<i>reflexão</i>	<i>silêncio</i>		

Pelas respostas, percebe-se que a disciplina era pouco valorizada da forma que vinha sendo conduzida, e que, ao mesmo tempo, os alunos possuíam uma percepção crítica sobre as aulas, entendendo e acreditando que elas poderiam ser melhor desenvolvidas. Depois de feita essa atividade, discutimos acerca dos termos e questões levantadas por eles, pensando em como poderíamos nos organizar para que nossos encontros se tornassem interessantes e satisfatórios. Ao pensar sobre isso, sobre como tornar uma disciplina “interessante”, lembro-me das palavras de Teresinha Sueli Franz, quando diz que “[...] não podemos pensar seriamente no

<sup>15</sup> Esta experiência se encontra parcialmente exposta na introdução deste trabalho (p.11-12), onde comento sobre as palavras recorrentes na realização da dinâmica com todas as turmas. Aqui, apresento integralmente a dinâmica realizada com uma das turmas (Turma 82, de 8ª série).

ensino de arte enquanto se mantenha a ênfase no fazer artístico e na concepção de que a arte como objeto cultural é irrelevante” (2003, p.38). Por muito tempo, e ainda atualmente, há uma busca constante de justificativas para arte na educação.

Diferentemente do que acontece com as matérias provenientes de campos disciplinares de reconhecida presença no currículo, as matérias artísticas necessitaram sempre argumentar o porquê de sua inclusão no currículo escolar. Entre outras razões, porque continuam parecendo um campo de conhecimento pouco útil diante de outros de garantia comprovada para conformar os elementos ideológicos para os quais a escola contribui. (HERÁNDEZ, 2000, p. 43)

Fernando Hernández discorre sobre algumas formas de racionalidade que justificariam a arte na educação, como, por exemplo, a “racionalidade industrial”, uma visão que “[...] considera as habilidades e destrezas, assim como os critérios de gosto vinculado às Artes, como um tema útil e indispensável que contribui e favorece o desenvolvimento industrial de um país” (2000, p.44). Menciona também a racionalidade “histórica”, a “forasteira”, a “expressiva”, a “cognitiva”, “perceptiva, criativa, comunicativa”, a “interdisciplinar” e a “cultural”, sendo esta a última a que ele toma como base para a elaboração do livro *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho* (2000).

A partir dessas racionalidades presentes no ensino de arte é possível melhor compreender as respostas dadas pelos alunos e até algumas das concepções apresentadas pelo corpo docente. Fica evidente que o ensino de arte que a maioria vivenciou até então esteve calcado em algumas dessas justificativas, senão em uma mescla de várias. Justificativas criadas em diferentes contextos, sendo ainda hoje utilizadas algumas provenientes no final do século XIX e início do século XX, a partir de critérios modernistas.

Então, como trabalhar com esses estudantes? Como fazê-los sair do lugar-comum já afixado para as aulas de artes? Como trazer à contemporaneidade visões ainda presas ao “clássico” e que, por vezes, ainda incompreendem o moderno?

Conhecê-los e conhecer suas ideias a respeito da arte me parece ser o primeiro passo. Tendo feito isso, encontram-se brechas e pontos de interesse pelos quais a arte se encarrega de passar. Pois, como diz Kátia Canton:



A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar os funcionamentos dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. [...] Mas, ao mesmo tempo que se nutre da subjetividade, há outra importante parcela da compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer uma grande número de relações. (CANTON, 2009, p.12-13)

## 1.2 Verdadeiro ou Falso?

A primeira atividade de sondagem realizada de forma escrita, se deu, em maio de 2011, através de um questionário de “Verdadeiro” ou “Falso” elaborado a partir de 24 afirmativas. Pode parecer redutor aplicar um questionário no qual as respostas só podem ser *verdadeiras* ou *falsas*, porque, como sabemos, nem tudo é plenamente *verdadeiro* ou *falso*. Entretanto, eu queria trabalhar a partir da compreensão dos estereótipos presentes nas ideias dos alunos. Para tanto, fiz um questionário com perguntas polêmicas, “ideias fixas” e palavras inclusive bastante fechadas e por vezes reducionistas, como *sempre*, *nunca*, *jamais*, *exclusivamente*, entre outras (ver Apêndice II). Tais perguntas/afirmativas, embora muitas vezes preconceituosas e com detalhes que podem confundir, foram propositalmente pensadas com o intuito de analisar a reação dos alunos durante os questionários e em comentários posteriores.

Participaram desta etapa nove turmas com as quais trabalho, sendo três de 5<sup>as</sup> séries e duas de 6<sup>as</sup>, 7<sup>as</sup>, e 8<sup>as</sup> séries,<sup>16</sup> totalizando 163 entrevistas realizadas.<sup>17</sup> A tabulação dos resultados (Apêndice III) foi realizada considerando primeiramente as turmas nas quais realizo o estágio<sup>18</sup> e, logo em seguida, abrangendo todas as turmas das séries finais do Ensino Fundamental, objetivando uma possível “caracterização” desse público. Para a análise, tomo como base a tabulação que considera todas as turmas com as quais trabalho, num total de nove. Opto por reunir algumas das afirmativas em grupos específicos, os quais caracterizam, a meu ver, a visão dominante entre a maioria dos alunos. Subdividi em três grupos principais: (1)

---

<sup>16</sup> De faixa etária entre 10 e 15 anos.

<sup>17</sup> O total de alunos considerando as nove turmas é maior do que 163 estudantes, mas aqui considero somente os alunos presentes no dia da realização do questionário.

<sup>18</sup> Prática docente supervisionada e obrigatória aos cursos de Licenciatura, que, no caso do curso de Artes Visuais, se realiza dentro da disciplina de Estágio em Artes Visuais II.

o primeiro no qual se verifica a presença do que chamo de “visão renascentista”, ainda muito presente; (2) o segundo no qual se demonstra certa *maturidade* e “espírito crítico” quanto à arte; e (3) um terceiro no qual as respostas demonstram certo *desconhecimento* a respeito das questões ali expostas. Esses grupos, sem dúvida alguma, poderiam ser reordenados, renomeados e repensados. Nada impede que algumas questões possam estar em dois grupos, e outras não estarem vinculadas a nenhum, exigindo novas articulações.

### 1.2.1 Primeiro grupo: a “visão renascentista”

Analisando as 24 questões respondidas com “V” ou “F”, percebe-se que pelo menos quatro delas tiveram uma expressiva concordância por parte dos alunos. Essas quatro questões estão relacionadas a uma concepção mais “tradicional” da arte, em seus suportes e propósitos, bem como no que tange à figura do artista. São elas:

QUESTÃO	%V <sup>19</sup>	%F <sup>20</sup>
1. A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).	76 <sup>21</sup>	24
15. O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.	73	27
18. Arte depende de talento.	63	37
20. Arte é expressão.	80	19 <sup>22</sup>

As respostas dessas questões demonstram visões que se aplicavam tanto à arte renascentista, como alguns referentes à arte moderna. Conceitos ligados estritamente à arte como expressão, como resultado do talento do artista e como a apresentação de um objeto final, não podendo ser vista como o processo.

<sup>19</sup> O percentual verdadeiro de um total de 163 estudantes.

<sup>20</sup> O percentual falso de um total de 163 estudantes.

<sup>21</sup> Todos os percentuais foram “arredondados”, porém são apresentados com maior precisão junto aos apêndices.

<sup>22</sup> Os percentuais que não conferem entre verdadeiro e falso, devem-se ao fato de que alguns alunos não se posicionaram em relação à afirmativa. Isso pode ser verificado com detalhamento junto aos Apêndice III.

A partir dos índices apresentados, percebe-se que as expressões *talento*, *quadro*, *escultura*, *técnica* e *expressão* ainda estão completamente vinculadas ao que os estudantes associam à ideia de arte. E não é que não deveriam ou não poderiam estar, mas o que me interessa discutir com eles é que esses conceitos já não são os únicos, nem de maior importância em relação a outros, e que existem muitos além desses, que são indispensáveis para se pensar a arte atualmente e também para que se possa buscar a aproximação junto ao campo.

### 1.2.2 Segundo grupo: *maturidade* e “espírito crítico”

A formação desse grupo se deve a uma certa “surpresa” que tive diante das respostas. As afirmativas colocam à prova a questão do preconceito e outras que normalmente passam despercebidas em uma análise do tipo, como o reduzido registro de artistas negros e artistas mulheres em enciclopédias e livros de arte, a postura do espectador diante de uma mostra de arte, a relação do museu com a arte, etc. Diante dessas questões, os alunos pareceram atentos e reflexivos em relação ao conteúdo apresentado.

QUESTÃO	%V <sup>23</sup>	%F <sup>24</sup>
3. A história da arte que nos é apresentada é completa e sem falhas.	26	74
4. Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.	63	37
6. Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.	91	09
10. Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.	18	82
11. O conceito de arte é aberto e pode estar sempre em construção.	82	16 <sup>25</sup>
12. Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.	69	31
13. A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo:	82	18

<sup>23</sup> Idem nota 19.

<sup>24</sup> Idem nota 20.

<sup>25</sup> Idem nota 21.

16. A arte deve ser bela e confortável. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.	50	50
22. Antigamente, não existiam artistas mulheres.	47	52 <sup>26</sup>
23. Arte é reflexão.	82	17 <sup>27</sup>

Em relação à afirmativa que comenta sobre a “veracidade” da história da arte, assim como a que questiona sobre os artistas negros e a que afirma não existirem artistas mulheres antigamente, muitos alunos me questionaram dizendo não saber responder, o que sugere o desconhecimento acerca da assertiva proposta. Entre as questões acima listadas, chamaram-me a atenção os percentuais relativos às questões 13 (A arte pode nos falar de diversas questões...) e 16 (A arte deve ser bela e confortável...). Apesar de, na primeira, a maioria (82%) acreditar que a arte pode falar de inúmeras questões, na segunda a metade dos estudantes considera que a arte deve ser bela e confortável, *jamais* podendo perturbar ou fazer provocações. Ainda se mostra evidente, portanto, a relação entre arte e beleza.

### 1.2.3 Terceiro grupo: aparente *desconhecimento* das questões

As questões aqui agrupadas demonstram, em sua maioria, desconhecimento ou não familiarização em relação ao campo artístico.

QUESTÃO	%V <sup>28</sup>	%F <sup>29</sup>
2. Um artista só fica famoso se ele realmente é bom.	49	51
7. Para ser artista é necessário ser diplomado em uma graduação em artes plásticas/visuais.	39	61
14. Todos os artistas visuais tem um momento de fama.	63	37

O que faz um artista ou alguém ficar famoso? O que é ser realmente “bom” no que se faz? Bom para que(m)? O que é uma graduação? O que exatamente é ser

<sup>26</sup> Idem nota 21.

<sup>27</sup> Idem nota 21.

<sup>28</sup> Idem nota 19.

<sup>29</sup> Idem nota 20.

diplomado? Todos os artistas têm um momento de fama? Como se define fama, ou um momento de fama? São questões/afirmativas em grande parte dúbias, mas propulsoras de discussão, de profusão de ideias, de reflexão.<sup>30</sup> E esse é o maior objetivo, fazer pensar.<sup>31</sup>

Ainda sobre o questionário, cabe considerar que, antes da aplicação do mesmo, explicitarei a importância da sinceridade nas respostas e também fui questionada<sup>32</sup> diversas vezes quanto ao fato de “valer nota<sup>33</sup> ou não”. Nas 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries, os questionários foram distribuídos em diversas sequências, na tentativa de evitar a cópia de respostas. Já nas 5<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> séries, as questões estavam distribuídas na mesma sequência, pois houve a necessidade de se realizar uma leitura prévia das afirmativas, como auxílio na compreensão e entendimento dos alunos.

Os resultados aqui apresentados são parciais, pois analisam apenas o primeiro instrumento de sondagem (Apêndice II e III). O prosseguimento da investigação se dá com o planejamento de proposições e estratégias a serem utilizadas em sala de aula, análise dos trabalhos e reflexões produzidas pelos alunos, inclusive dos apontamentos realizados paralelamente às aulas e outras questões surgidas a partir do cotidiano escolar.

Nesse momento da investigação, fica evidente que há uma grande distância – melhor dizendo, lacunas/fragmentações – no que se refere ao conhecimento ou entendimento dos alunos em relação à arte. Propor o contato com a arte contemporânea é, sem dúvida, indispensável, mas essas propostas devem estar permeadas por discussões que envolvam a história<sup>34</sup> e, em especial, a história da arte.

---

<sup>30</sup> No *Dicionário de ideias feitas em educação*, o vocábulo **reflexões** aparece com o seguinte significado “Há quem se perca em reflexões. Depois, doem-lhe as costas.” (AQUINO & CORAZZA, 2011, p.128). Na sequência do texto apresento alguns verbetes, não por interpretá-los desta maneira, mas para expor como estes estão vinculados ao espaço escolar.

<sup>31</sup> “**Repensar** – Se não conseguiu uma vez, que dirá duas.” (AQUINO & CORAZZA, 2011, p.130)

<sup>32</sup> “**Questionador** – Um aluno xarope.” (AQUINO & CORAZZA, 2011, p. 121)

<sup>33</sup> “**Nota** – O paradigma escolar. Durante os anos escolares, tudo gira em torno dela. É ela, por exemplo, que permite ou não a ida a uma festa; é ela, também, que defende se a relação entre pai e filho será honesta ou mentirosa.” (AQUINO & CORAZZA, 2011, p.103)

<sup>34</sup> Não apenas “a” história, tomada a partir de uma única perspectiva, de “uma única verdade”, mas sim deixando que ocorra a interpelação entre os campos de conhecimento não fortalecendo a segmentação conforme a “disciplinarização” já consagrada dentro do formato escolar.

Motivada pelos resultados dos questionários e, ao mesmo tempo, querendo estender tal ferramenta de abordagem ao público docente da escola, pensei que poderia ser interessante realizar o mesmo exercício com minhas colegas.

Certo dia, dirigi-me à sala da direção para esclarecer essa possibilidade:

[Autora] *Estou fazendo uma pesquisa para o meu TCC, através da aplicação de um questionário. Com os alunos já pude realizar em aula, mas me interessa muito obter um levantamento do corpo docente também. Será que eu poderia fazer? O que tu achas?*

[Vice-diretora] *Eu já estou cheia de responder questionários, vou te ser bem sincera... mas se tu quiseres ver com o pessoal, tu que sabes.*

Aproveitei uma reunião de rotina para falar rapidamente sobre o que eu pretendia com tais questionários e dizer que os deixava sobre a mesa em uma pastinha, dando liberdade e anonimato aos que quisessem participar. Nem todos se mostraram interessados, mas alguns até levaram o questionário. Obtive três retornos, de colegas mais próximas, que já se mostravam parceiras para algumas atividades e solidárias com informações nesse início de docência.

Uma vez mais, como querer fazer uma discussão séria e crítica, em sala de aula, se os próprios professores, que deveriam ter uma postura aberta e reflexiva, se colocam assim? Então, são várias as dificuldades que o professor de arte encontra na busca de um trabalho que saia do “comum”, do rotineiro, ou melhor, deste “lugar-comum”<sup>35</sup> em que a escola há tanto tempo está ancorada.

Por outro lado, creio ser importante comentar acerca do tipo de material didático sobre artes visuais ao qual os alunos têm acesso. Uma das referências mais indicadas e recorrentes em escolas de Educação Básica para o ensino de artes visuais é a obra de Graça Proença. Em seu livro *História da Arte* (2000), assim como em *Descobrimo a História da Arte* (2005), a autora ignora um dos embreantes da Arte Contemporânea<sup>36</sup>, Marcel Duchamp. Nos livros citados acima, o artista não aparece em menção alguma, nenhum de seus trabalhos, muito menos conceitos e/ou questões por ele problematizados no campo da arte. Duchamp, nome referencial da arte moderna e contemporânea, além de ter introduzido os *ready-*

<sup>35</sup> “**Lugar-Comum** – Dos males, o menor.” (AQUINO & CORAZZA, 2011, p.91)

<sup>36</sup> Nomenclatura designada pela autora Anne Cauquelin no livro *Arte Contemporânea – uma introdução*, aos artistas Marcel Duchamp e Andy Warhol pelo fato de serem dois grandes referenciais para a arte contemporânea, assim como grandes marcos dentro da história da arte.

*made*, questiona o sistema de arte, incluindo a própria relação da obra com o público... e isso simplesmente é ignorado em muitos materiais didáticos.

Sim, a polêmica e a discussão tomam corpo quando se apresentam tais questões em sala de aula. Mas isso é motivo para ignorá-las? Confesso que fiquei impressionada ao observar que uma autora tão citada e utilizada como referência por muitos professores de arte trata de tal forma a arte contemporânea, e o pior... “ignora” fatos históricos. Outro material recentemente disponibilizado ao professor de arte nas escolas públicas pelo FNDE/PNBE<sup>37</sup> é o livro *Saber e Ensinar ARTE CONTEMPORÂNEA* (2009), de Renata Sant’Anna, que também apresenta pouquíssimos trabalhos da produção artística contemporânea.<sup>38</sup>

Mas não são todos os autores e materiais que ignoram o tema. No site do Itaú Cultural, por exemplo, encontram-se alguns percursos educativos<sup>39</sup> de fácil acesso e linguagem simplificada, além de estética atraente que podem ser excelentes recursos para as aulas. Não lineares e de fácil interação, tratam de questões-chave da arte, trazendo percursos como “Isto é uma Foto?”, “Academicismo: Missão Imperdível”, “Arte Efêmera”, “Isto é Arte?”, entre outros.

Cabe também considerar os materiais educativos produzidos pelas Bienais de Artes Visuais,<sup>40</sup> assim como de outras instituições com projetos educativos permanentes e atuantes. O professor, precisa, mais do que nunca, ser artista na composição de suas aulas, buscando o que lhe interessa, compondo seus materiais.

Assim como a prática artística, não depende e, mesmo que queira, não consegue sobreviver através de receitas e métodos/modelos de sucesso, também a docência em arte não se dá sem reflexão e sem esse “desenvolvimento” artístico que prepara trabalhos, aulas, e que faz parte da vida de um professor-artista ou professor-propositor. Precisamos trabalhar hoje; não dá para esperar as condições

---

<sup>37</sup> Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

<sup>38</sup> Apesar de se tratar de um livro pequeno, sendo portanto impossível contemplar muitas coisas, me parece que o título não condiz com o conteúdo, e que para tal, muitas referências deveriam ser reavaliadas.

<sup>39</sup> Os quais o professor pode utilizar como recurso pedagógico, tanto como apresentação como para exploração dos próprios estudantes. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd\\_pagina=2751](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2751)

<sup>40</sup> Tanto a de São Paulo como a do Mercosul.

ideais. Como disse Pablo Helguera<sup>41</sup> através de palavras de Paulo Freire, afinal “o mundo não é, o mundo está sendo”. É buscando alternativas e estratégias para encarar essas e tantas outras dificuldades que pensei em estratégias de aproximação e envolvimento do público escolar com a arte contemporânea. O capítulo a seguir apresenta os exercícios desenvolvidos, bem como a minha reflexão a partir de sucessos e eventuais fracassos.

---

<sup>41</sup> Curador pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul, em sua fala no Seminário Internacional Pedagogia no Campo Expandido, realizado no dia 12 de novembro de 2011, na cidade de Porto Alegre – RS.





**2. PROPOSIÇÕES/ESTRATÉGIAS:**

**A VIVÊNCIA EM SALA DE AULA**



A partir das observações no espaço escolar e do perfil inicial que os questionários me possibilitaram traçar, o desafio maior era pensar em estratégias para discutir e refletir acerca da presença da arte na vida dessas crianças e adolescentes. Mas, afinal, qual seria a importância da arte no cotidiano de uma sala de aula? Ana Mae Barbosa, discorrendo sobre o tema, nos diz que:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2011, p.79)

Portanto, a arte é uma experiência que necessita ser vivenciada. Não há como transmitir sua significação por outros meios que não ela mesma. Mas como propor esse contato, ou melhor, essa aproximação aluno-arte? Como gerar essa experiência? Como garantir que esse contato seja efetivo?

Acredito na importância da arte na educação, na sua capacidade de mudança e potencial educativo quando se pensa em concepções e teorias educativas. Investi como pude nas aulas de arte. Mas um período semanal de 40 a 50 minutos não é suficiente.<sup>42</sup> Este breve encontro exige muito dinamismo e desdobramento, tanto por parte dos alunos, como do professor-propositor. Desconstruir ideias já dadas por verdade<sup>43</sup> para efetivamente trabalhar e “mexer” com o pensamento, a fim de construir conhecimento, produzir reflexão, produzir experiência no sentido trazido por Jorge Larrosa<sup>44</sup>, ou seja, não como “algo que passa”, e sim “algo que nos passe”, não é tão simples como se pode imaginar. Pensando nessas questões, o que apresento em seguida são algumas proposições que elaborei durante os cinco

---

<sup>42</sup> Aqui exponho 40 minutos pelo fato de que quando se trata do último período da manhã, este corresponde extraoficialmente à 40 minutos.

<sup>43</sup> Como por exemplo, as aulas de arte somente como prática, a ligação dessas com o fazer e, conseqüentemente, a distância com o pensamento. A disposição da sala de aula: filas, professor a frente e quadro sempre cheio. Cópia do quadro como sinônimo de conteúdo “aprendido”. O professor como o único que fala e como detentor de todo o conhecimento. Provas como único instrumento de avaliação. Saídas de campo como “matação” de aula e não como experiência determinante para a aprendizagem... enfim, milhões de “ideias-verdade”, “tradições” e conceitos enraizados que fazem parte da educação formal/escolar.

<sup>44</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência, 2002.

meses de 2011 em que trabalhei na escola e que, acredito, podem ter continuidade em planos de ensino futuros.<sup>45</sup> Acerca disso, quando comecei a pensar no que seria o “meu plano de aula”, tinha em mente as seguintes ideias de Corazza:

Plano no qual a aula brilhante que um professor por ventura tenha dado hoje não seja comparada a nenhum Modelo-de-Aula, nem a outras aulas dadas por ele ou pelos colegas; tampouco seja ele considerado um Bom-Professor em consideração com um Professor-Padrão, nem com outros professores, mas sim pelo fato de ele hoje, circunstancialmente, ter conseguido formular algo novo para pensar; ter problematizado, com e diante dos alunos, o que até então não era considerado problemático por ninguém, ter feito os alunos desaprenderem as besteiras-verdades, que lhes haviam sido ensinadas e que eles assimilaram, para, assim, poderem aprender algo que não fosse senso comum nem opinião; ter conseguido mostrar que a dificuldade de pensar é algo de direito do pensamento, já que pensar não tem nada de inato, nem de reconhecimento, nem se trata de responder perguntas para as quais já existem respostas, nem de pensar a partir de postulados previamente definidos; pensar é, antes, criar. (CORAZZA, 2008, p.242-3)

Portanto, não se trata de um planejamento fixo, rígido e imutável, mas de algo “[...] que precisa ser continuamente avaliado e replanejado [...] não se constituindo como método, mas como uma atitude pedagógica, que envolve a investigação do professor, que na sua prática e teoria traça as suas opções metodológicas” (MARTINS, PICOSQUE e TELLES GUERRA, 1998, p.158-59). Nas escolas da rede pública estadual, os professores possuem autonomia total quanto ao plano de ensino da disciplina, não havendo uma listagem de conteúdos mínimos a serem trabalhados por nível de ensino. A principal referência que o professor tem para desenvolver e planejar seu trabalho são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), que apresentam, além dos objetivos do ensino de arte na escola, indicações de possíveis trajetórias para o trabalho. Eles lhe dão autonomia para partir das necessidades e especificidades de seus alunos e da região – comunidade/cultura local –, com o objetivo de compor o plano de trabalho mais adequado. Ao mesmo tempo em que se trata de uma proposta sem dúvida interessante (uma vez que foge da “aula-receita” e simplesmente conteudista<sup>46</sup>), corre-se o risco, por outro lado, de não haver um consenso mínimo e de os

---

<sup>45</sup> Minha primeira ideia era propor as atividades entre os meses de junho e final de outubro, talvez até metade de novembro, para dedicar as duas últimas semanas de novembro para a análise das atividades desenvolvidas. Porém, não foi exatamente isso que aconteceu. Os encontros em torno do planejamento apresentado seguem ocorrendo e a previsão de fechamento das atividades é a terceira semana de dezembro de 2011.

<sup>46</sup> Que valoriza mais o conteúdo “a seguir” em detrimento de outras questões que possam fazer parte do cotidiano dos alunos.

professores trabalhem com atividades/exercícios prontos, que não condizem com as necessidades, muito menos com os interesses dos alunos.<sup>47</sup>

A falta de um aprofundamento dos professores de Ensino Fundamental e Médio pode retardar a Nova Arte-Educação em sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre Artes Visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com análise, informação histórica e contextualização. Nas Artes Visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem e seu contexto são habilidades interrelacionadas, o desenvolvimento de uma ajudando no desenvolvimento da outra (Analice D. Pillar e Denise Vieira, 1990). (BARBOSA, 2008, p. 15)

E fica ecoando para nós, professores de arte: diante de tantas questões importantes a trabalhar e da abertura especialmente dada ao professor desta disciplina para a composição do seu planejamento, “[...] que conteúdo de arte deveríamos ensinar, quais histórias devemos revelar e quais interesses culturais e sociais devemos promover?” (SOUCY in: BARBOSA, 2010, p.48).

Com essas ideias em mente, as estratégias elaboradas foram pensadas principalmente a partir da análise do primeiro questionário de sondagem, apresentado no capítulo anterior.

O planejamento de trabalho previa cerca de quatro meses, estimando 16 encontros com cada turma (levando em conta os dias não letivos). Para estas proposições e posterior análise/reflexão, foram escolhidas apenas quatro das nove turmas iniciais: foram duas turmas de 7<sup>as</sup> e duas de 8<sup>as</sup> séries, devido à especificidade das atividades planejadas e também para possibilitar uma análise mais atenta tanto quanto ao processo, quanto ao que dele decorreu. No total, dos 167 alunos da sondagem inicial, ficaram aproximadamente 100.

Pensei muito acerca do que propor em cada encontro semanal. Já sabendo que entre os meses de setembro e novembro de 2011 teríamos em Porto Alegre a 8<sup>a</sup> Bienal do Mercosul, planejei atividades que culminariam ou que, ao menos, servissem como preparo para o contato dos alunos com esse importante evento de artes visuais que a cidade abriga desde 1997; vale registrar que, nesta última

---

<sup>47</sup> Gostaria de mencionar que isso se reflete na maioria dos casos em que o professor atende um número absurdo de turmas (acima de 20), e escolas, não tendo tempo para refletir sua prática, muito menos para pensar no planejamento. Isso fica evidente e se agrava nas disciplinas de carga horária pequena, como artes visuais. Professores chegam a trabalhar 40 horas semanais (muitas vezes até mais) em busca de um salário para sobreviver, o que torna humanamente impossível/inviável produzir um trabalho de qualidade.

edição, o foco confesso da Bienal estava justamente no maior envolvimento com o público local e não especializado em arte contemporânea.<sup>48</sup>

Pensando, portanto, no que seria produtora aos cerca de 100 estudantes com quem trabalharia de modo mais pontual, elaborei a seguinte “lista de prioridades”:

<b>ATIVIDADE/PROPOSIÇÃO</b>	<b>OBJETIVO</b>
<b>O contato com uma exposição de artes visuais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar e pensar o que seriam os “espaços da arte”;</li> <li>- Sondar com que frequência os estudantes visitam esses espaços;</li> <li>- Discutir como eles se relacionam com esses espaços;</li> </ul>
Trabalho em sala de aula a partir de vídeos que integram a exposição <b>“6 Bilhões de Outros”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir modos de exibição de uma exposição de arte;</li> <li>- Questionar o suporte empregado em arte contemporânea e a figura do artista;</li> <li>- Perceber a arte como projeto/ideia;</li> <li>- Colocar-se no lugar do artista como proponente;</li> </ul>
<b>O livro de artista</b> (atividade realizada somente com as turmas de 8 <sup>as</sup> séries)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propor o contato dos alunos com um artista;</li> <li>- Mostrar que a arte pode se dar em diferentes suportes;</li> <li>- Apresentar livros de artistas em diferentes contextos;</li> <li>- Estimular a experiência de produção de um livro de artista;</li> </ul>
<b>Alinhando história e arte</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contextualizar historicamente obras, artistas e períodos da história da arte;</li> <li>- Exercitar leituras de imagens;</li> <li>- Trabalhar com tensionamento de tempos e formas;</li> </ul>
<b>Um percurso fora do espaço escolar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sair do espaço escolar, da reprodução e da imagem digital;</li> <li>- Propor o contato e a experiência frente a trabalhos artísticos;</li> <li>- Ter contato com a Bienal do Mercosul.</li> </ul>

Como é possível observar, os propósitos eram “gigantescos” e ambiciosos, muito além do que seria possível nos exíguos 40 ou 50 minutos semanais dedicados à disciplina.<sup>49</sup> Entretanto, ao elaborar e realizar, com os alunos, os exercícios sugeridos, tinha esses mesmos objetivos em mente. No quadro abaixo, apresento a organização dos encontros semanais nas quatro turmas com que realizei o trabalho:

<sup>48</sup> Além dos espaços expositivos já “tradicionais”, esta edição além de exibir uma mostra diferenciada, que se chamava *Cidade não vista* (a qual exibiu nove trabalhos em diferentes pontos da cidade), apresentou também um espaço chamado *Casa M*, uma casa localizada na Rua Fernando Machado, nº 513, aberta a comunidade em geral. O espaço possuía programação pré-determinada, mas também estava aberto a proposições, e à interação do público. Foi inaugurado antes das mostras, e, atualmente se discute sobre a possível permanência desse espaço, buscando aproximar a Bienal, não apenas como um evento que aterrissa na cidade de dois em dois anos.

<sup>49</sup> Vale registrar desde já que nem todas as atividades foram concretizadas em todas as turmas; o segundo semestre de 2011 foi particularmente problemático quanto ao calendário letivo: muitos feriados, muitas reuniões entre professores, entre outros; esses aspectos, sem dúvida, prejudicaram o andamento das atividades.

Períodos	Segunda-feira	Terça-feira	Sexta-feira
1º (7:45 – 8:35)			
2º (8:35 – 9:25)	Turma 72	Turma 71	
3º (9:25 – 10:15)			
<b>Recreio</b>			
4º (10:30 – 11:20)			Turma 81
5º (11:20 – 12:00)	Turma 82		

Como há pouco indicado, o planejamento previa, em média, 16 encontros com cada turma, sendo que, aproximadamente, ocorreram apenas 11 encontros “oficiais” por turma.<sup>50</sup> Devido à falta de tempo na grade curricular, realizamos encontros extraclasse<sup>51</sup> autorizados pela direção da escola, porém não com a participação de todos os alunos.<sup>52</sup>

Vejamos, no texto que segue, algumas das estratégias colocadas em prática, com os resultados alcançados.

## 2.1 O contato com uma exposição de artes visuais

Museus são laboratórios de conhecimento de arte, tão importantes para a aprendizagem da arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem da química. Compete aos educadores que levam seus alunos aos museus estender nas oficinas, nos ateliês e salas de aula o que foi aprendido e apreendido no museu. (BARBOSA, 2011, p.63)

Quando pensamos em arte, pensamos automaticamente nos espaços da arte. Mas quais são os espaços da arte na sociedade? São diversos, sem dúvida. Mas o principal, ou melhor, o que primeiro vem em mente, é o museu.<sup>53</sup> Em um segundo questionário (Apêndice IV) realizado com os estudantes, perguntava quantos já haviam visitado um museu ou uma exposição de arte. A metade dos estudantes já havia visitado mais de três vezes, 25% informaram ter visitado ao menos uma ou duas vezes, e aproximadamente 25% disseram que nunca haviam estado em um

<sup>50</sup> Aqui “oficiais” refere-se a encontros previstos na grade curricular organizada pela escola (Apêndice V) dentro do período de tempo estimado para a conclusão das atividades (aproximadamente quatro meses). Como sou professora das turmas, optei por seguir realizando as atividades previstas até o término do ano letivo de 2011.

<sup>51</sup> Por exemplo, encontros para a finalização dos livros de artista e para a saída a 8ª Bienal do Mercosul.

<sup>52</sup> Como não era um encontro “oficial”, não era possível determinar a presença de todos os alunos.

<sup>53</sup> Refiro-me aqui ao espaço tradicional, já convencionado como espaço da arte pela sociedade.

museu. A partir desses índices, lancei como primeira atividade uma visita individual<sup>54</sup> a um museu (preferencialmente de arte), a um espaço cultural ou a algum lugar em que os alunos pudessem encontrar uma exposição de artes visuais. Como a grande maioria reside na zona central de Porto Alegre, muitos visitaram a exposição que acontecia no Santander Cultural, *Agora, Ágora, criação e transgressão em rede*<sup>55</sup> ou *Labirintos da Iconografia*<sup>56</sup> em exibição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) praticamente no mesmo período.

Por que uma visita individual? Ou, melhor: por que não ir com a turma? Primeiro pela dificuldade do professor em sair da escola. Nesse caso, a escola é sem dúvida privilegiada pela localização (ver Anexo II), mas uma saída de campo sempre envolve diversos aspectos.<sup>57</sup> Inicialmente, isso me pareceu um problema, o fato de eu propor que eles fossem sozinhos, fora do horário de aula, mas depois percebi que poderia ser até mais interessante, uma vez que eu buscava saber como eles percebem esses espaços, sem interferência do mediador ou professor.

Essa atividade foi proposta no começo do mês de junho; os estudantes deveriam, após a visita, realizar um pequeno relatório, respondendo, basicamente, às seguintes questões (ver Apêndice VI):

- Identificação do local e da exposição visitada – tema, observação do local, disposição dos trabalhos, etc.;
- Comentários sobre dois trabalhos;
- Comentários sobre como se sentiram no espaço e sobre a experiência de realizar esta proposição.

---

<sup>54</sup> Digo individual pelo fato de não ser uma proposição de saída de campo com a turma toda, mas nada impedia que os alunos se encontrassem com os colegas para a realização da tarefa, assim como alguns fizeram.

<sup>55</sup> Mostra ocorrida no período de 26 de maio a 07 de agosto de 2011, sob a curadoria de Angélica de Moraes. A mostra apresentou obras de artistas nacionais e internacionais e convidava o público a observar e interagir em dois espaços: o virtual e o real.

<sup>56</sup> Exposição realizada no período de 29 de junho a 15 de agosto de 2011, com curadoria de José Francisco Alves. Mostrava obras de 83 artistas localizadas no período entre o final do século 19 e a contemporaneidade, dentre elas obras do acervo do próprio museu, de outros acervos e instituições, de coleções particulares e das coleções de artistas contemporâneos.

<sup>57</sup> Envolve além da combinação com os alunos, a autorização dos pais ou responsáveis, acordo com professores de outras disciplinas tanto dos períodos anteriores e/ou posteriores ao da aula de artes, assim como outros professores para substituição nas turmas em que o professor estaria presente naquele dia, ou durante o tempo da saída de campo.

Muitos alunos não realizaram a proposta.<sup>58</sup> Alguns comentaram que não fizeram porque não gostam de museu “e ponto”. Tentei argumentar que não se tratava de uma questão de “gostar” ou não, e sim de uma experiência, a partir da qual eles poderiam expor suas percepções no trabalho escrito, assim como oralmente em aula; era fundamental, no entanto, que eles se permitissem tal experiência. Poucos mudaram de ideia. Outros, apesar de eu ter esclarecido em aula que eles deveriam visitar uma exposição de arte, acabaram visitando outros museus.<sup>59</sup> Mas cabe considerar o fato de que muitos alunos que não realizaram esta primeira atividade participaram da última proposição, que foi um percurso em grupo, até a mostra *Geopoéticas*, integrante da 8ª Bienal do Mercosul.

Em aula, no dia da entrega dos relatórios e mesmo enquanto eles estavam realizando a proposta extraclasse, foram surgindo questões individuais, mas que procurávamos ampliar para toda a turma. Houve o caso de um aluno que dizia ter visitado o Santander Cultural, mas que viu uma exposição diferente de todos os colegas que lá haviam estado. Pedi que ele descrevesse o local e a exposição, para ver se mais alguém teria estado lá. Ninguém tinha visto aquilo. Imediatamente, dei-me conta de que ele havia visitado somente o Acervo da Moeda, que se pode acessar por uma porta lateral do prédio, não encontrando, assim, a principal exposição.

Outro exemplo foi que, de todos os estudantes que estiveram no MARGS,<sup>60</sup> somente um aluno<sup>61</sup> visitou, além da exposição principal, *Labirintos da Iconografia*, o andar superior, onde estava a exposição *29ª Bienal de São Paulo – Obras Selecionadas*<sup>62</sup>. Creio que esses casos ocorreram devido ao desconhecimento e não familiarização com esses espaços, e mesmo por vergonha de questionar os funcionários do local.

---

<sup>58</sup> Cerca de 60% tendo em conta as quatro turmas.

<sup>59</sup> Como por exemplo, o Museu Julho de Castilhos e o Museu Militar do Comando Militar do Sul. Muitos me perguntaram se poderia ser o Museu da PUC, porque eles iriam com a escola em algum momento, mas eu pedi que eles se propusessem/desafiassem a visitar um local onde houvesse exposição de arte especificamente.

<sup>60</sup> Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

<sup>61</sup> Pelo que pude perceber através do trabalho escrito e dos relatos/comentários em aula.

<sup>62</sup> Mostra em exibição de 17 de junho a 17 de julho de 2011. Exposição que faz parte de um projeto de itinerâncias promovido pela Fundação Bienal de São Paulo.



O que poderia reverter esse quadro? Talvez uma apresentação em sala de aula, apresentando esses espaços expositivos e como se dá o acesso aos mesmos.<sup>63</sup> Na verdade, a mera apresentação do material impresso de divulgação das instituições mostra-se pouco eficiente como artefato de “sedução” para esses jovens, mais ainda quando se trata do primeiro contato com tais espaços.

A partir dessa experiência com os espaços, os alunos se manifestaram escrevendo pequenos textos. Sobre a mostra *Agora, Agora*, em exibição no Santander Cultural, por exemplo, disseram:

[Aluna 2] *Fiquei um pouco surpresa pela forma de expressão que alguns artistas escolheram, mas achei bastante interessante. Para mim foi fácil, pois as monitoras são muito competentes.*

[Aluna 3] *Os trabalhos estavam bem separados, alguns me deixaram confusa, mas os que me interessei mais pedia explicação. [...] Acho que tinha esquecido que ir a uma exposição era mais do que olhar quadros, foi bem mais divertido do que se espera que seja. Fui com um amigo meu que também se interessa, e acho que vou começar a ir mais vezes.*

[Aluna 4] [...] *a exposição é bem estranha, alternativa e contemporânea, mas que chama a atenção do público.*

Os comentários acima indicam o fato de não ser habitual o contato dos alunos com esses ambientes, e do “espanto” e não familiarização com o que é exibido. Mesmo sabendo que veriam uma exposição de artes visuais, o que encontraram causou certa surpresa.

Sobre a experiência de realizar tal visita, muitos atestaram que ela pouco ou

[Aluna 6] *Não posso dizer que foi um trabalho difícil, mas também não foi fácil. A arte é uma coisa complexa e tem que ser bem interpretada, pois há coisas bem diferentes que não estamos acostumados a ver no nosso dia-a-dia, mas se soubermos interpretá-la direito ela poderá ter vários significados.*

<sup>63</sup> Refiro-me a uma apresentação com imagens, e quase que trazendo um passo-a-passo.

<sup>64</sup> Exponho esse comentário, pois houve trabalhos em que os alunos relatam que foi muito simples e fácil realizar a proposição, pois era só “ir lá”, considerando também não ter aprendido nada com este tipo de experiência.

Nos casos dos alunos que, por quaisquer motivos, não puderam realizar a visita, solicitei que escrevessem o que gostariam de considerar a partir do roteiro ou sobre alguma experiência que já haviam vivenciado relacionada às artes visuais. Eis que surge:

[Aluna 7] *Moro no Belém Velho, e por eu morar longe não tive como comparecer a uma exposição dessas citadas, mas eu já fui a uma exposição como a Casa de Cultura Mario Quintana e achei muito interessante. A Casa de Cultura Mario Quintana tem muitas artes em quadros que são muito lindas, as paisagens. É uma criatividade bem feita, de se ver por lá.*

A não familiaridade com esse tipo de atividade fica evidente, assim como a resistência, de grande parte dos alunos, em realizar uma proposição de trabalho diversa do habitual.<sup>65</sup> Pensar que se pode aprender algo realizando um trabalho, além de fazê-lo pela “nota” ainda parece estar um pouco distante do pensamento da maioria. Percebi que talvez o ideal fosse propor a realização de uma visita acompanhando os alunos, para que pudéssemos explorar melhor as mostras. De todo modo, não considerei a atividade acima descrita como “inválida”, uma vez que, a partir dela, pude perceber as principais necessidades e dificuldades dos alunos, o que também me permitiu pensar na continuidade do trabalho.

## **2.2 Outras formas de pensar uma exposição de arte, a obra de arte e o próprio artista**

Enquanto os alunos realizavam paralelamente a proposta de visita ao museu, na forma de tarefa extraclasse, em aula trabalhamos a partir da mostra *6 Bilhões de Outros*<sup>66</sup>, que acontecia no mesmo período na cidade de São Paulo (SP). Trata-se de uma mostra que quebra com as ideias tradicionais em relação a uma exposição de arte e com o que um *museu* apresenta ao público. Na forma de vídeos,<sup>67</sup> a exposição mostra outras formas de atuação do artista; desponha o artista com

<sup>65</sup> Relembrando que somente 40% dos estudantes realizaram a proposição.

<sup>66</sup> Vídeo exposição de Yann Arthus-Bertrand e da Fundação GoodPlanet, em exibição no Museu de Arte de São Paulo (MASP), de 20 de abril a 10 de julho de 2011.

<sup>67</sup> Através de entrevistas gravadas em 78 países, por repórteres que viajaram pelo mundo.

interesse antropológico, propondo-se a discutir e a trazer à reflexão a diversidade humana e cultural.

Do pescador brasileiro ao advogado australiano, do artista alemão ao agricultor afegão, todos responderam às mesmas questões: “O que você aprendeu com seus pais? O que você tem vontade de transmitir a seus filhos? Quais os desafios que você enfrentou? O que é o amor para você?”<sup>68</sup>

O que era arte ali? Como se dava a produção da obra? E as pessoas que contavam suas histórias no vídeo... seriam artistas? Era possível e necessário que o artista estivesse em todos os lugares e presente em todas as gravações? O que era “a obra” exatamente? Cada vídeo, cada tema/assunto abordado ou o conjunto de vídeos e o tema geral da exposição? Assuntos cotidianos podem aparecer em uma obra de arte? Essas foram algumas questões que essa mostra possibilitou discutir, além de pensar um trabalho artístico a partir de um projeto, individual e/ou coletivo.<sup>69</sup>

Essas questões, assim como as proposições realizadas em sala de aula, enfatizavam a figura do artista como pesquisador, propositor e agente da sociedade em que vive. Sem discutir isso de forma direta, as questões eram inseridas aos poucos, com o intuito de trazer à discussão e futuramente poder estabelecer relações através de exemplos já conhecidos pelos alunos.

Os debates suscitados pela observação do vídeo foram fundamentais para desestabilizar algumas “certezas” dos alunos quanto ao que eles consideravam como o conceito de “arte” e, notadamente, quando à figura do “artista”, para eles algo muito distante. Nesse sentido, a atividade seguinte que foi desenvolvida, a partir do “livro de artista”, representou outro passo importante.<sup>70</sup>

Convidei a professora e artista visual Adriana Daccache para um conversa com os alunos. Adriana tem uma extensa pesquisa sobre livros de artista, que apresentou no encontro.<sup>71</sup> Uma das obras enfocadas foi o livro da artista gaúcha Letícia Lampert, *Escala de Cor das Coisas* (2009). O livro parte de expressões usuais, do cotidiano, e estabelece uma relação com a escala de cor do tipo

---

<sup>68</sup> Texto retirado do folder de divulgação da mostra.

<sup>69</sup> A descrição da atividade realizada em sala de aula se encontra no Apêndice VII.

<sup>70</sup> Somente participaram desta atividade as duas turmas de 8ª série.

<sup>71</sup> Que aconteceu no dia 8 de agosto com a Turma 82 e no dia 12 de agosto de 2011, com a Turma 81.

“Pantone”, muito usada nos ambientes de comunicação. Assim, ao invés do espectador encontrar cores com nomes como, por exemplo, “Azul 068”, ele encontra a cor “Azul Calcinha”, ou “Rosa Bebê”, ou ainda a enigmática “cor de burro quando foge”, entre outros. Na “captação” dessas “cores”, Leticia fotografou os próprios objetos referidos, estabelecendo uma lúdica relação entre “texto” e “imagem”.



Fig. 1 – Leticia Lampert (1978)  
Escala de Cor das Coisas, 2009  
Livro de Artista, 28 x 6 x 2cm

Se, durante a apresentação do livro de Lampert, os alunos se mostraram interessados, porém alheios, quando o *Livro de*



Fig. 2 – Artur Barrio, (1945)  
*Livro de carne*. 1978-79

*Carne* (1978-79), do artista luso-brasileiro Artur Barrio, foi apresentado, a polêmica se instalou. O material utilizado por Barrio causou enorme discussão e aí ficou evidente a necessidade de se desenvolver um trabalho a partir da história da arte. Adriana falou do contexto de produção deste livro, trouxe outros exemplos de trabalhos que envolvem materiais diferenciados, como “Merda de artista”, de Piero Manzoni, momento em que a indignação falou mais alto. Segue alguns comentários despontados no momento:

[Aluno 1] Ah! Sim, vai ter que me dizer por que isso é arte...

[Aluno 2] Ah! Quero ver me convencer...

[Aluno 3] Só faltava mesmo, querer que a gente ache a merda do cara bonita, né Sôra!

[Aluno 1] Arte é tudo meio louco mesmo.

No calor dos debates, outras obras foram citadas, como *A Fonte* (1917), de Marcel Duchamp, *A traição da imagem* (1929), de René Magritte, e a já referenciada *Merda d’artista* (1961), de Piero Manzoni.



Fig. 3 – Piero Manzoni (1933 – 1963)  
*Merda d'artista*, 1961  
Lata com o excremento do artista



Fig. 4 – Marcel Duchamp (1887–1968)  
*A Fonte*, 1917  
Ready-made: urinol de porcelana  
23,5 x 18 cm



Fig. 5 – René Magritte (1898–1967)  
*A traição da imagem*, 1929  
Óleo sobre tela, 60 x 81 cm

Diante desses exemplos, alguns alunos demonstraram alguma compreensão, outros pareciam alheios à discussão e havia os incontestavelmente indignados. A experiência mostrou algo que, para mim, era muito importante: havia curiosidade, aquela “pulga atrás da orelha”, germe de muitas das discussões em aula. Partindo das questões apresentadas por Adriana Daccache e das polêmicas surgidas, veio a provocação: cada aluno produziria o “seu” livro/caderno de artista. Para facilitar o envolvimento de todos, optamos pelo formato de um caderno tradicional.<sup>72</sup> Esse “caderno de artista” foi produzido durante as aulas e de forma bastante livre. Ele poderia ser um caderno para a aula e, ao mesmo tempo, para o que os alunos considerassem interessante; o importante era refletir sobre o conceito de “livro de artista” e vivenciar a produção de algo semelhante.



Fig. 6 – 1º encontro da artista Adriana Daccache com os alunos, no dia 8 de agosto de 2011.

<sup>72</sup> Em tamanho A5, para facilitar na utilização no material mais simples, folhas A4 dobradas ao meio.

Vale comentar que a relação desses alunos com livros e com a leitura não é muito estreita<sup>73</sup>, com isso, desde já despontava o desafio. Por que produzir um livro/caderno se isso não lhes é familiar nem lhes pareceria muito útil?

No planejamento inicial desta atividade, foram estipulados quatro encontros para a conclusão da proposta; entretanto, foram necessárias oito aulas (a descrição pormenorizada do desenvolvimento desta proposição é apresentada no Apêndice VIII), o que também comprometeu o cronograma de atividades previsto no início do semestre. Inclusive, enquanto termino esta escrita, ainda não realizamos o fechamento dessa mesma atividade.<sup>74</sup> Mesmo assim, solicitei que



Fig. 7 Alunos trabalhando na produção dos livros/cadernos.



Fig. 8 – Alunos trabalhando na produção dos livros/cadernos.

trouxessem os livros para que eu pudesse observá-los. A grande maioria estava vazia; comentando sobre isso, alguns alunos disseram que ainda não tinham pensando em “como” utilizar, mas que tinham adorado fazer a atividade. Entre os livros que apresentavam algum registro, o que se encontrou foram letras de música, frases de artistas famosos, sobretudo do universo da música, do cinema e da televisão. Lady Gaga, Kate Perry, Bob Marley, entre outros, aparecem entre citações e recortes de imagens... A ideia inicial era utilizar esse livro como diário de bordo e também para as atividades da disciplina, trazendo exemplos de artistas que utilizam o livro/diário na sua prática.

Como a produção foi extremamente exaustiva, apesar de prazerosa, optei por seguir com discussões que traziam a história da arte e que despontaram já no primeiro dia,

<sup>73</sup> Em questionário realizado posteriormente a primeira sondagem (Apêndice IV), aproximadamente 25% desses estudantes disseram ler menos que um livro por ano.

<sup>74</sup> Prevista para o dia 05 de dezembro com uma das turmas, e 09 de dezembro de 2011, com outra. Adriana Daccache estará presente nos dois encontros para uma conversa paralela à apresentação das produções dos alunos, considerações sobre o desenvolvimento do trabalho e apresentação de registros do processo.

ainda na apresentação realizada por Adriana Daccache, paralelamente à construção do livro.<sup>75</sup>

### 2.3 Alinhavando história e arte

**“A leitura dos campos de sentido da arte é o cerne de seu ensino nesse início de século. A história ganha importância como contexto que dialoga com outros contextos na decodificação da obra e do campo de sentido da arte.” [grifo meu] (BARBOSA, 2011, p.69)**

Assim como aponta Ana Mae Barbosa, os PCN's relacionados à disciplina de arte também atentam à importância de o professor “[...] conhecer a história da arte para poder escolher o que ensinar, com o objetivo de que os alunos compreendam que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as ideias e tendências de uma determinada época e localidade” (PCN's ARTE, 1997, p. 72).

Antes de partir efetivamente para as atividades que relacionavam arte e história, questioneei<sup>76</sup> os alunos acerca do seguinte: quando “pensam em arte ou artistas”, que nomes lhes vêm em mente. Praticamente 50% dos estudantes se manifestaram apontando o artista Leonardo Da Vinci; um pouco menos disse Picasso e outra parcela, Michelangelo, nesta ordem. Foi considerável<sup>77</sup> o número de alunos que fez menção a artistas do meio musical e televisivo.<sup>78</sup> De fato, quando se fala em artes visuais em sala de aula, ou mesmo em outros ambientes que não familiarizados ao campo, não há como negar que a Mona Lisa, a Capela Sistina e a “desconstrução” de Picasso estão entre os que mais aparecem. Esses são lembrados, na maioria dos casos, devido à ampla difusão através da cultura de massa. Desde as Tartarugas Ninjas<sup>79</sup> até Dan Brown, exemplo atual, com o livro que há pouco tempo já virou filme, *O Código Da Vinci...* Porém, essas produções artísticas são reconhecidas através do que tal cultura já produziu sobre elas e, não por sua história; elas funcionam, portanto, como “simples imagens”, perdendo,

---

<sup>75</sup> Lastimo por não haver disposto mais tempo para explorar os cadernos no decorrer das aulas, e, creio que esse possa ter sido um ponto falho do projeto. Pretendo comentar sobre isso, na avaliação, em conversa com a turma.

<sup>76</sup> Por meio do questionário apresentado no Apêndice IV, que neste trabalho é analisado parcialmente.

<sup>77</sup> Em média 30% dos estudantes.

<sup>78</sup> Coco Chanel, Lady Gaga, Beyoncé, Michael Jackson foram os nomes mais citados.

<sup>79</sup> Que foram “batizadas” com os nomes “dos quatro” artistas do Renascimento (Leonardo, Rafael, Donatello e Michelangelo).

muitas vezes, seus sentidos propriamente “artísticos”. Esse quadro nos mostra como é complicada a inserção da arte, e da própria arte contemporânea, na vida de crianças e adolescentes.

Quais artistas contemporâneos fazem parte do cotidiano das pessoas? Que imagens/trabalhos estariam presentes em seus pensamentos? A arte contemporânea, por trabalhar com diferentes suportes e através de várias linguagens, acaba também se diluindo na lembrança das pessoas naturalmente. Paulo Sérgio Duarte, sobre isso, comenta:

A enorme diversidade das manifestações classificadas como arte contemporânea dificulta eleger tendências e construir visões em perspectiva, procurar por clichês como ‘a luz no fim do túnel’. Para quem não se localiza nesse universo, de fato confuso, ensaiar posições de fato só aumenta a confusão. E a primeira confusão se instala quando se associa a ideia de arte atual como algo desprovido de uma história. [...] Sem história, dissolvem-se os paradigmas, e a banca está armada para o giro aleatório... (DUARTE, 2008, p. 17-18)

Seguindo o pensamento de Duarte, no livro *Arte Contemporânea Brasileira*, “[...] com história, há luz que vem do início do túnel” (2008, p. 18). E foi por esse trajeto que decidi seguir com os alunos. Como uma proposição paralela ao que realizávamos em aula, propus uma atividade de pesquisa individual (ver Apêndice IX) acerca de dois trabalhos artísticos, que em sala de aula chamamos de “imagens da arte”.

[...] A compreensão é atingida através da interpretação, na qual a obra é vista em relação ao contexto em que está situada. Isso é possível porque uma obra de arte é, sempre, a respeito de alguma outra coisa além da arte! A capacidade para fazer determinações e julgamentos provavelmente não emergirá se as crianças forem deixadas sozinhas, entregues a si mesmas. Essa capacidade amadurece quando o ensino intencionalmente organiza situações que provoquem o desenvolvimento do poder da mente, incluindo a imaginação, por meio da criação e da reflexão. Isso é o que de melhor a arte-educação pode prover, e é minha crença que as compreensões cultivadas através do estudo da arte são formas de deliberação que podem preparar as fundações para uma liberdade cultural e uma ação social. (EFLAND, in: BARBOSA & GUINSBURG, 2008, p. 187)

Em concordância com as ideias de Efland, a intenção de que pesquisassem acerca de mais de uma imagem era de que ampliassem seu repertório visual e que pudessem conhecer o maior número de artistas e obras possíveis. Para ter um bom resultado nessa empreitada, certo dia levei um conjunto de aproximadamente 150 imagens da história da arte. Com a proposta de fazer um trabalho mais lúdico, propus que cada aluno escolhesse duas imagens, atentando para que elas fossem



diferentes (a descrição das dinâmicas realizadas com as imagens se encontra no Apêndice X).<sup>80</sup> Dentre as imagens para a pesquisa estavam desde imagens consagradas pela tradição histórica da arte, como também imagens do século XX e XXI. A maioria foi retirada de um guia de história da arte, outras do material pedagógico divulgado e distribuído pela 8ª Bienal do Mercosul (reproduções em tamanho A4), entre outras que estavam ao meu alcance.<sup>81</sup>

Após as pesquisas individuais sobre as imagens, os alunos deveriam apresentá-las para a turma e afixá-las em uma linha do tempo,<sup>82</sup> que seria composta, assim como utilizada, pelas quatro turmas. O principal objetivo desta proposição era trabalhar através de tensionamento de tempos, procurando estabelecer relações entre as imagens e também buscando/estimulando a possibilidade de analisar criticamente as produções atuais.

Após o desenvolvimento dessa atividade, eu também apresentei imagens/obras referenciais na história da arte, em forma de arcos temporais desde sua produção até a contemporaneidade. Um dos exemplos utilizados foi a imagem da *Mona Lisa* (1503-05) de Leonardo Da Vinci, e como esta foi trabalhada ou serviu de referência para o trabalho de outros artistas e até mesmo para a mídia.



Fig. 9 – Leonardo da Vinci (1452 – 1519)  
*Mona Lisa*, 1503-05  
Têmpera sobre madeira,  
77 x 53 cm

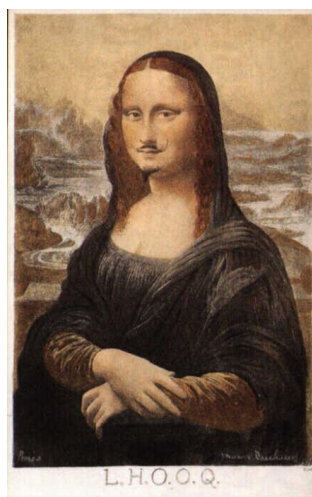


Fig. 10 – Marcel Duchamp (1887 – 1968)  
*L.H.O.O.Q.*, 1919  
Ready-made ajudado: lápis sobre  
uma reprodução da *Mona Lisa*,  
19.7 x 12.4 cm

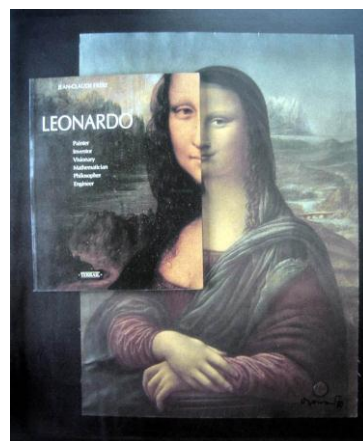


Fig. 11 – Nelson Leirner (1932)  
*La Gioconda*, 1999  
Papel, plástico, linha, borracha,  
64 x 55 cm

<sup>80</sup> Tanto na forma visual, tendo em conta a linguagem, por exemplo, uma apenas poderia ser pintura, e se a outra também fosse deveria apresentar características visivelmente distintas.

<sup>81</sup> Como por exemplo, postais com imagens das obras públicas da cidade de Porto Alegre, doados à escola através da Câmara Municipal de Cultura.

<sup>82</sup> Explico como essa linha do tempo funcionou e as dinâmicas acerca dela no Apêndice X, junto a descrição da atividade inicial realizada a partir das imagens.

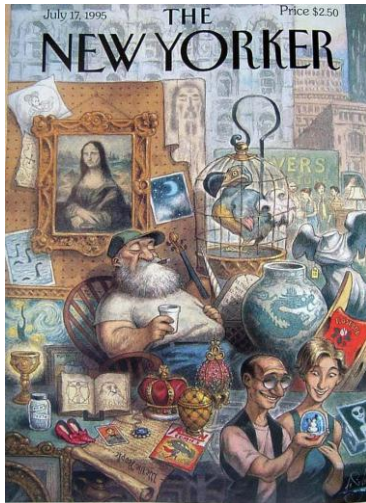


Fig. 12 – Capa da revista *The New Yorker*, julho de 1995 New York, Estados Unidos.

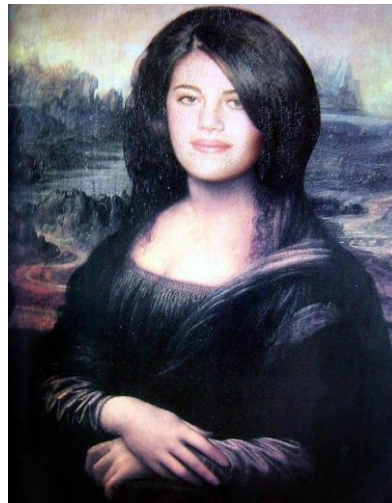


Fig. 13 – “Brincadeira” com o cruzamento das imagens da Mona Lisa, de Da Vinci, e da “estagiária” e pivô do maior escândalo do governo Bill Clinton, Monica Levinski...

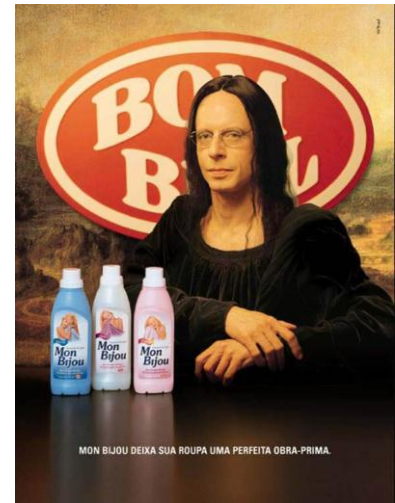


Fig. 14 – Agência de Publicidade W/Brasil  
*Mon Bijou deixa sua roupa uma perfeita obra-prima*, Início dos anos 2000, Brasil.

Aqui, exponho apenas um exemplo, através de algumas imagens em que se verifica o que foi acima mencionado. Conhecer estas imagens, e seus respectivos contextos objetivou mostrar quantas questões podem envolver uma única imagem, e que para compreender precisamos dedicar um olhar atento e reflexivo aos que vemos.

Certo dia, chego à sala de aula e o primeiro comentário que ouço é:

[Aluna 1] *Sôra, eu fui num consultório e reconheci uma pintura, mas claro que era falsa né, daquele artista que faz as coisas meio que derretendo sabe?*



Fig. 15 – Mauricio de Sousa (1935)  
*Mônica Lisa*, 2004  
Acrílica sobre tela, 71 x 61 cm  
História em Quadrões.

Aproveitei o que a aluna trazia para comentar com a turma sobre a importância de ampliarmos nosso repertório visual e o quanto isso influencia não só no conhecimento em relação às artes visuais, mas em relação ao mundo em que vivemos, que apresenta imagens por todos os lados.

É importante considerar que realizamos uma dinâmica com as imagens antes e depois da atividade descrita. Antes, observou-se que os estudantes olhavam muito rapidamente as imagens e formavam ideias sobre elas quase que instantaneamente.

Na dinâmica posterior, o olhar se mostrava mais atento e reflexivo. Observemos, abaixo, alguns apontamentos escritos decorrentes dessa experiência:



Fig. 16 – Michelangelo (1475-1564)  
O Juízo Final (1535-1541)  
Capela Sistina, Vaticano.



Fig. 17 – Os Gêmeos (1974)  
Sem título, 2004  
Pintura de rua, Volos, Grécia.

[Aluna 2] A relação é, na minha opinião, as duas são trabalhos muito bem feitos, a única coisa que eu acho que tem em comum é que foram feitas por artistas famosos, o que as difere é a qualidade da pintura, O Juízo Final predomina detalhes e a perfeição do pintar, isso é um crédito para as pinturas antigas, já a pintura Os Gêmeos, mostra um desinteresse da beleza da pintura de rua. Além de ser um pouco sem sentido. Bom é isso que eu acho.

A partir do comentário da aluna, percebe-se a estreita ligação da arte com a “beleza”, e que traz conseqüentemente ideias pré-concebidas do que seria esta “qualidade”, que na visão de alguns é o que determina a arte como “boa ou não”. Portanto, vê-se que, alguns estudantes, mesmo buscando dados que contextualizem tais trabalhos, não apresentam muita reflexão a partir dessas informações.

Vejamos outro exemplo:

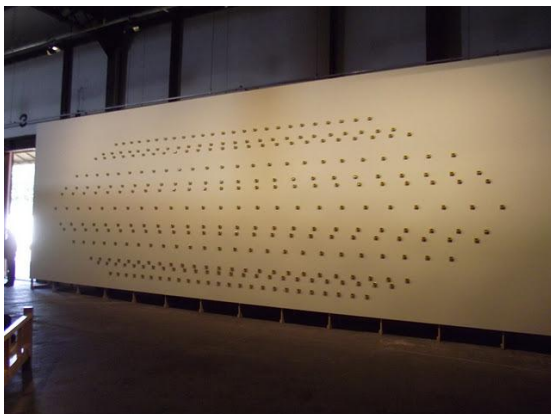


Fig. 18 – Lais Myrrha (1974)  
*Onde nunca anoitece*, 2011  
Foto do trabalho em exibição na 8ª Bienal do Mercosul.



Fig. 19 – Richard Hamilton (1922)  
*O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, 1956

[Aluna 3] Acho que as duas falam sobre o tempo, as duas dizem o tempo em que acontece, uma diz que a modernidade está aí a nossa frente só que a mais de 50 anos e a outra diz a diferença de tempo entre várias civilizações, América, Europa e outras.

No comentário acima, percebe-se que a aluna observa e dá grande atenção aos títulos de ambos os trabalhos, assim como desenvolve seu comentário não somente pela forma visual de apresentação das obras, mas pelos conceitos e questionamentos trazidos por elas.

Em grande parte dos trabalhos escritos, predominaram as palavras *estranho* e *interessante*, demonstrando a inserção de novos vocábulos em relação à arte. Percebe-se uma pequena, porém considerável, alteração do vocabulário utilizado pelos alunos em relação à arte, que decorre em função das discussões em aula e realização das atividades propostas. Para finalizar a discussão acerca das imagens, ainda interessa trazer um último exemplo de discussão proposta em sala de aula por uma aluna. Em meio ao debate, após termos visto o vídeo “Quem tem medo de arte contemporânea”<sup>83</sup>, surge a questão:

<sup>83</sup> DVD que acompanha o livro de mesmo nome, do autor Fernando Cocchiarale.

[Aluna 4] *Sôra, eu juro que eu prestei atenção nas aulas e no vídeo também, mas eu não ainda não tô conseguindo entender como é que eu vou saber se uma coisa é contemporânea ou não... Como é que eu sei se é???*

Essa pergunta foi realizada ao mesmo tempo em que soava o sinal que indica o término do encontro. Em encontro posterior, levei algumas imagens, e pedi que a aluna lembrasse ou escolhesse entre as que ali estavam, duas que a inquietavam quanto a essa questão.

Em meio às imagens que estavam à mão, escolhemos as que seguem para ilustrar e exemplificar a discussão:



Fig. 20 – Cildo Meireles (1948)  
*Inserção em circuitos ideológicos 2 – Projeto*  
Cédula: *Quem matou Herzog?*, 1970  
Carimbo sobre dinheiro

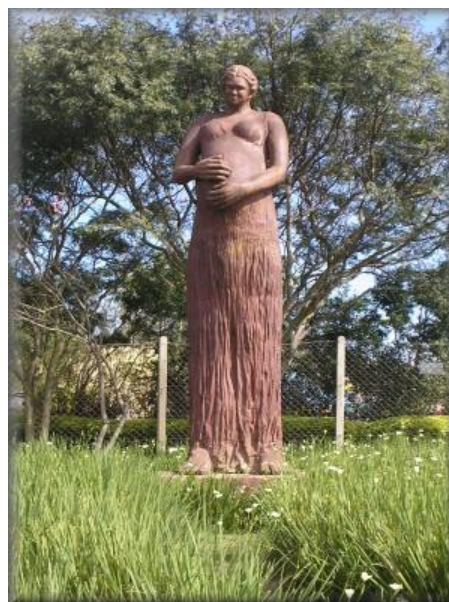


Fig. 21 – Arminda Lopes, (1947)  
*Monumento à mãe e ao bebê*, 2005  
Bronze, 1,3X5m

[Aluno 5] *Como é que a mais antiga parece ser a mais contemporânea?*  
[Aluno 6] *Não pode, porque a da “mãe” é que é atual, não é?*

Trabalhar com tensionamento de tempo foi fundamental para discutir o significado da palavra contemporâneo.<sup>84</sup> Os alunos puderam perceber que uma obra de arte feita há muito tempo pode continuar sendo contemporânea e que algumas produzidas atualmente podem não o ser, ou não apresentar características que

<sup>84</sup> Tanto no sentido temporal, como em uma “denominação” artística.

assim a determinam. Considero, apesar de alguns contratempos, que essa atividade teve bastante êxito.<sup>85</sup>

## 2.4 Um percurso fora do espaço escolar

[Autora] *Gurias, eu não sei se todas sabem, mas, esse ano é ano de Bienal...*

[Professora 1] *Aquilo lá é uma “bobageira”! Deus me livre!*

[Autora] *Eu gostaria...*

[Professora 1] *Ah ! É uma idiotice! Fui numa, que era um monte de cabelo por lá, uma nojeira!*

[Professora 2] *Eu não vou perder tempo levando os alunos lá!*

A situação acima descrita aconteceu na sala dos professores da escola, em uma tentativa de propor às colegas professoras uma saída de campo com os alunos, e, mais uma vez, exemplifica a postura do corpo docente em relação à arte, contemporânea especialmente.<sup>86</sup> Mesmo não havendo colegas parceiras para a realização desta atividade, resolvi propor aos estudantes, na forma de atividade extraclasse, um percurso da escola até uma das mostras parte 8ª Bienal do Mercosul.

Uma das bandeiras da Bienal do Mercosul é o seu Projeto Pedagógico. Desde o ano 2003<sup>87</sup> existe um grande investimento nessa área, que busca estimular a criação de público para a arte contemporânea. Os porto-alegrenses se acostumaram a ver os vários ônibus, identificados pela instituição, lotados de estudantes em meio a algazaras, sendo conduzidos das escolas até os espaços expositivos. E os que percorrem o espaço expositivo também já se acostumaram a ver os inúmeros grupos escolares que são recebidos nas mostras, inclusive reconhecendo uma figura educativa que hoje, muitas vezes, é procurada espontaneamente pelo público visitante, a figura do *mediador*.

---

<sup>85</sup> O principal contratempo que aponto é de que ela não ficou exposta, como era o objetivo inicial. A ideia era de que os alunos, vendo-a cotidianamente, pudessem estabelecer várias relações, bem como pudessem se aproximar e se familiarizar com as imagens.

<sup>86</sup> Claro que essa postura não foi de todas as professoras, mas exponho aqui porque foi esse o retorno imediato quando iniciei tal assunto.

<sup>87</sup> Não que desde 1997 (1ª edição) já não houvesse, mas foi a partir da 4ª edição (2003) que o Projeto Pedagógico da instituição passou a ter maior atuação assim como visibilidade.

Em 2009, na 7ª Bienal, tentou-se trabalhar a figura do *professor-mediador*, passando a autonomia da condução da visita ao professor.<sup>88</sup> Nesta edição (2011), os professores tiveram a possibilidade de participar em cursos de formação, organizados por temáticas/centros de interesses, em pequenos formatos,<sup>89</sup> propondo encontros em grupos reduzidos,<sup>90</sup> que propiciavam a troca e o debate.<sup>91</sup>

Desde 2007, tenho trabalhado junto à equipe do projeto pedagógico da Bienal do Mercosul, e considero que isso tem sido um grande aprendizado tanto pessoal, como para a minha formação docente. Parece ironia, mas justamente no caso das minhas turmas, as visitas aconteceram de forma não agendada<sup>92</sup>, em datas previamente combinadas com as turmas.<sup>93</sup>

Na verdade, minha intenção não era visitar “toda a Bienal”, nem ao menos uma mostra inteira; queria que o contato com os trabalhos se desse aos poucos e no ritmo dos alunos. Entre os espaços que a Bienal apresentou este ano,<sup>94</sup> optei em visitar com os alunos parte de uma mostra que estava no Cais do Porto, chamada *Geopoéticas*, e aproveitar nosso percurso, realizado a pé, para observar outras coisas que havia na cidade, como, por exemplo, a mostra *Cidade não vista*. Meu objetivo não era que eles saíssem *experts* em Bienal, mas que tivessem a experiência de estar frente a um trabalho artístico contemporâneo, seja ele parte de uma Bienal ou não. Para tanto, a dinâmica foi a seguinte: no percurso entre a escola e o Cais do Porto, paramos junto ao aeromóvel, onde estava o trabalho *Paisagismo*

---

<sup>88</sup> E não que ela não seja mesmo com a figura do mediador, mas nesse caso a intenção era que o mediador fosse apenas “suporte” ao professor. Figura essa que não ficou muito bem entendida, tanto aos professores como aos mediadores.

<sup>89</sup> Funcionavam como encontros com duração de algumas horas apenas e foram oferecidos em várias edições, antes e durante a realização das mostras.

<sup>90</sup> Em média de 20 a 25 pessoas.

<sup>91</sup> Cabe considerar que a cidade de Porto Alegre também dispõe de outras instituições culturais que trabalham com encontros para formação de professores, dentre eles, destacam-se, a Fundação Iberê Camargo e o Santander Cultural, ambas com um Projeto Pedagógico ativo e que realmente trabalha não só com o aluno, mas também com o professor.

<sup>92</sup> Não pude realizar o agendamento das turmas (para uma visita acompanhada de mediação), pois já havia feito isso com as turmas de 5ªs e 6ªs séries, e também agendei para as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola. Há um limite de agendamento por escola, que se resume em 150 alunos no total.

<sup>93</sup> Preparei um comunicado para os pais/responsáveis, onde além de esclarecer como seria o encontro solicitava a autorização para a participação do estudante (Apêndice XII).

<sup>94</sup> *Geopoéticas, Cadernos de Viagem, Cidade não vista, Além Fronteiras, Eugenio Dittborn, Continentes e Casa M.*

sonoro (2011) de Pedro Palhares, para um conversa inicial. Depois, seguimos para o Cais do Porto, onde, aleatoriamente, escolhemos um armazém para a visita.<sup>95</sup>

Em todas as visitas (num total de quatro), houve um comentário recorrente:

[Aluno 1] *Pô sôra, mas a gente só vai ver isso!*

Fiz questão de, em todas as vezes que sentamos para conversar, discutindo a questão do “tempo” que a arte, principalmente que a arte contemporânea, nos exige. Tempo que não somos acostumados a ter e que, por isso, quando nos dedicamos a observar esse tipo de produção, pode nos parecer “sem sentido”.<sup>96</sup> Como um retorno da atividade junto à Bienal, solicitei que os alunos realizassem um trabalho escrito, acerca da experiência.<sup>97</sup> O roteiro desse trabalho (ver Apêndice XIV), além de apresentar questões que condizem especificamente ao contato dos estudantes com alguma obra visitada na 8ª Bienal do Mercosul, solicitava a reflexão acerca da experiência, assim como das atividades realizadas em aula, durante os meses de trabalho. Surgiram reflexões instigantes, que exponho na sequência.

[Aluna 2] *Tenho que admitir que a pesquisa que fizemos em casa para a linha do tempo artística – atividade proposta pela professora – me fez entender, ainda melhor, tudo que havia na Bienal.*

[Aluna 3] *Quando temos a oportunidade de ter aulas de artes fora da aula (escola), podemos ver as coisas de perto, de ver como elas são, de provar a sensação.*

---

<sup>95</sup> Com as quatro turmas com as quais realizei esta atividade, visitamos espaços diferentes, que eram escolhidos no momento mesmo da visita. A única restrição que impus foi quanto ao Armazém 7, no qual eu trabalhava; fiz a restrição porque fazia questão de recebê-los na mostra, e estimulá-los a visitar esses espaços em outro momento que não com a escola. A descrição da atividade realizada na mostra *Geopoéticas* se encontra no Apêndice XIII.

<sup>96</sup> Essa questão foi retomada em aula e bastante discutida, sobretudo a partir da observação do vídeo *Quem tem medo de arte contemporânea*, no qual Fernando Cocchiarale traz o exemplo de propagandas e músicas eletrônicas, as quais devem apresentar toda a mensagem que pretendem transmitir em frações de segundo.

<sup>97</sup> Para elaborar as questões do trabalho, tomei como base um roteiro criado por Rejane Reckziegel Ledur, utilizado com estudantes no desenvolvimento do seu Projeto de Tese de Doutorado, *Arte contemporânea e produção de sentidos no ensino de arte*, UFRGS, 2011. Vale comentar também que os alunos que não estiveram presentes no percurso com a turma poderiam realizar a visita em qualquer momento e no espaço desejado. Em média, a metade dos alunos esteve presente no encontro realizado com a turma, talvez por isso demonstrando uma maior aproximação quanto aos trabalhos, enriquecendo, de forma mais crítica, as discussões travadas em aula.



[Aluna 4] Superou minhas expectativas, nunca tinha ido visitar a Bienal e nem ninguém da minha família. Nunca tive essa proximidade à Arte, nunca me interessei, mas me arrependo, achei que tudo tivesse o mesmo significado, só fosse um pedaço de papel. Mas tudo tem uma história, um objetivo, um motivo. Alguns servem para refletir algumas coisas. Achei interessante porque foi bem além do que imaginei, mesmo não tendo conhecimento de arte pude formar opiniões pessoais por cada coisa, consegui distinguir algumas coisas, não todas!

[Aluna 5] De começo me senti uma estranha nesse espaço, por nunca ter ido lá e nunca ter procurado me informar.

[Aluno 6] Para mim arte era meros desenhos expostos por artistas que não tinham o que fazer, mas com a chegada da nova professora Karine, as aulas nos mostraram que arte é uma coisa magnífica, que é uma magia que sempre estava escondida nas aulas da antiga professora, principalmente a arte contemporânea, que pelo vídeo que a professora apresentou na aula passada me fez refletir tudo em minha volta.

[Aluna 7] Descrevo essa experiência de uma aula fora da sala com produtiva, não há outro adjetivo que se aplique melhor. Fez todos nós – alunos – prestar mais atenção e sentirmo-nos mais livres para fazer perguntas e comentar sobre os trabalhos. Levo dessa experiência a lição que arte não é algo [só] para se contemplar, mas sim para nos fazer pensar e discutir conosco mesmo nossos valores e regras de sociedade.

[Aluna 8] Eu levo um novo conhecimento, ver as coisas com outros olhos e saber que algo tão comum e as vezes bizarro pode ter importância na história e saber que isso foi importante em outras décadas, poder enxergar do jeito que o artista e as pessoas entendiam aquilo em anos passados.

[Aluno 9] Eu acho que as aulas de arte são importantes para nós percebermos que arte não é somente aquilo que retrate a realidade, como uma pintura de um rosto, ou a escultura de uma pessoa, mas também aquilo que te faz pensar, que pode modificar todo um modo de pensar de uma pessoa, ou de até uma sociedade inteira.

Os depoimentos acima, portanto, atestam que as atividades realizadas tocaram os alunos e, de alguma forma, os sensibilizaram para imagens, objetos e situações para as quais antes, provavelmente, eles tinham pouca ou nenhuma

abertura. Considero isso, sem dúvida, um ganho expressivo. Mas também houve, como não poderia deixar de ser, manifestações não tão estimulantes, que igualmente reproduzo:

[Aluna 10] *Eu esperava algo melhor, sinceramente. Minha 1ª impressão foi: ‘Putz! Isso?’ [...] Não defino a arte contemporânea, pois não gosto. [...] Não levo desta experiência nada para minha vida. Em nenhum sentido a arte pode interferir no meu dia-a-dia, pelo menos.*

[Aluna 11] *Eu não sou chegada nesse aspecto, por isso não vejo muita importância nas aulas de arte.*

[Aluna 12] [...] *Não tenho definições para a arte contemporânea. Ainda não vi a importância das aulas de artes, apenas para conhecer. Nunca tinha ido em uma Bienal, foi diferente. Não levo nada de experiência. Acho que na arte contemporânea qualquer coisa é obra de arte.*

A percepção final da “Aluna 12”, de certa forma, não deixa de ter seus acertos. De fato, na arte contemporânea, “qualquer coisa” pode ser arte, e é também nessa característica que reside o potencial mágico de tal produção: de nos fazer observar que as “mínimas coisas” são capazes de motivar, emocionar, fazer pensar. Característica que deve ser discutida, problematizada e levada para o ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se poderia esperar dessa vivência/experiência em sala de aula? Além dos apontamentos que fiz ao longo do texto e que neste momento resgato brevemente, também considere importante como um fechamento parcial dessa pesquisa (parcial porque ela permanece, efetivamente, em sala de aula) refazer o questionário de sondagem, aquele mesmo com “Verdadeiro” ou “Falso” (discutido no primeiro capítulo e que contou, naquele momento, com 167 alunos; agora, foram cerca de 100 os alunos envolvidos)<sup>98</sup>; porém, além da indicação desse “V” ou “F”, o aluno deveria comentar ou justificar a sua escolha. É curioso registrar que houve casos (muitos) em que os estudantes marcaram as duas opções; ou seja, a questão poderia ser verdadeira ou falsa, dependendo do seu entorno. Ao aplicar novamente o questionário, a minha motivação era verificar, a partir da “quantificação” possibilitada pelo instrumento de análise, o que havia mudado em relação ao quadro inicial. Sem apresentar “tabelas” neste momento, mas analisando os comentários e índices dessas respostas, cabe ressaltar alguns apontamentos:

Entre os que consideraram “Falsa” a afirmativa “*Arte depende de talento*” justificaram seu posicionamento dizendo que muitos artistas fazem “rabiscos” ou “coisas estranhas” e isso é arte; portanto, para “fazer arte” não seria necessário *talento*. Fica evidente, com isso, a ligação do conceito de “talento” com algo “bonito” e “agradável”. Já entre os que consideraram a questão como sendo “Verdadeira”, despontaram observações de que a arte não depende *necessariamente* de talento. Um terceiro grupo indicou V e F, justificando que a aptidão da pessoa pode facilitar, mas que também é preciso trabalhar para desenvolver.

Quanto à afirmativa de que “*A arte deve ser sempre bela e confortante, jamais podendo perturbar ou fazer provocações*”, a grande maioria considerou se tratar de um fato falso e que, sim, a arte pode trazer diferentes questões, inclusive discutindo temas “desagradáveis”; muitos ressaltaram, porém, que eles, particularmente, preferem “a arte bela”. A partir da relação estreita que desenvolvi com os estudantes, permito-me intuir que isso se deve ao fato de eles considerarem mais

---

<sup>98</sup> Porém não o considerando somente através de respostas como V (verdadeiro) ou F (falso), mas sim a partir destas, propondo que os estudantes fizessem comentários justificando suas respostas. Sobre o formato de apresentação do questionário, ver Apêndice XV.

fácil compreender a arte “bonita”. Uma alternativa que dialoga com essa é a de que “*A arte pode falar de questões cotidianas*”; para essa, 98,5% dos alunos disseram se tratar de uma “verdade”; o maior índice de concordância em todos os questionários. Se observarmos esse resultado com o anterior, há algo no mínimo curioso: o cotidiano, como sabemos, nem sempre é “bonito”; e agora? Trata-se de um ponto que certamente merece ser retomado e melhor discutido em sala de aula.

Acerca disso, creio ser interessante fazer uma pequena digressão: como sabemos, durante muito tempo, quando as pessoas se referiam à “arte”, associavam-na à palavra “bela”. Eram as chamadas “belas artes”; estudava-se, inclusive “belas artes”, tanto que as escolas igualmente eram conhecidas através dessa nomenclatura.<sup>99</sup> Na contemporaneidade, vários termos durante séculos associados ao campo da arte (beleza, sensibilidade, expressividade, etc.) hoje já não são os alicerces do discurso sobre arte, entrando em inequívoco desuso; no lugar dessas e de tantas outras palavras, emergiram outros conceitos, aos quais o público não especializado nem sempre está familiarizado, muito menos o público escolar.

Essas mudanças que ocorreram no campo artístico não podem ser ignoradas no ensino de arte, sendo indispensável que se criem oportunidades para o debate acerca dessa transformação. A escola é lugar de desenvolvimento do estudante, lugar onde eles são “postos” em contato com vários conhecimentos. Se o que conhecem na escola como arte é artesanato, trabalhos bonitos e decorrentes da manualidade, obviamente vão esperar ver o mesmo em exposições de arte.

Se os estudantes vivenciaram, durante anos, aulas de arte que em nada condizem com a produção artística atual, calcadas em racionalidades ainda modernas, como nos apresenta Hernández, e que não estabelece pontes com os seus cotidianos, como esperar que eles se mostrem abertos e reflexivos a esse campo? Como esperar posturas diferentes? Por que imaginar que eles deveriam demonstrar interesse, se pouco ou nada conhecem sobre o tema em questão? Ao se depararem com o que não esperam ver como “arte”, esses alunos entrarão em

---

<sup>99</sup> Até o ano 1962, o próprio Instituto de Artes da UFRGS era conhecido por Instituto de Belas Artes (IBA); vale registrar que ainda hoje algumas escolas e instituições de ensino superior no Brasil mantêm essa terminologia.

uma zona de desconforto, da qual tentarão escapar o mais rápido possível (daí, inclusive, o pouco convívio com museus). A dificuldade em demonstrar abertura a algo que se desconhece é evidente, e com o passar do tempo<sup>100</sup> tal distanciamento só tende a aumentar. Portanto, vejo as proposições que os professores de arte podem realizar em sala de aula como uma possibilidade real e de grande potencial.

Esse público escolar, é bom lembrar, não é composto apenas por alunos, mas por professores e demais funcionários. Parece-me cristalino que o principal motivo pelo qual esse público se distancia da arte contemporânea é o *desconhecimento*. Em vista disso e mostrando que não se trata de uma “batalha perdida”, mas de algo que pode e deve ser paulatinamente trabalhado, descrevo aqui uma experiência que tive com esse “outro lado” do público escolar.

No 4º e último dia de Jornada Pedagógica, a minha exposição:

[Autora] *Pensei muito no que eu poderia trazer da minha área para vocês e optei em apresentar este vídeo. Talvez alguém já conheça, mas considero um vídeo muito interessante por tratar de inúmeras questões que às vezes não conseguimos chegar somente através do diálogo. Espero que gostem; é um vídeo breve, com muitos depoimentos, e que merece atenção.*

[Vídeo apresentado: *Quem tem medo da arte contemporânea*; trata-se de um DVD que acompanha um livro de mesmo título, produzido por Fernando Cocchiarella, historiador e crítico de arte brasileiro.]

Todos, sem exceção (professores e professoras, dos três turnos de funcionamento da escola – exceto uma, justamente a que promoveu a discussão no dia da reunião e que não esteve presente em nenhum dia da jornada), acharam interessante e apresentaram questões, depoimentos e comentários para o debate. Ou seja: o vídeo, pela forma provocante como apresentou algumas questões da arte contemporânea, suscitou um debate antes fadado ao insucesso.

Acredito que nós, professores de arte, somos professores-propositores, e se nós não propormos experiências que busquem reverter essa situação de comodismo, desestabilizando conceitos e posturas “confortáveis”, remexendo “lugares-comuns”, jamais poderemos esperar tal postura de nossos educandos. Educação é ação múltipla. Não é transmissão de um pretenso “conhecimento” de uma direção à outra. Exige envolvimento e entrega<sup>101</sup> de todas as partes, e nenhuma sai “ilesa”. Penso que essa é a maior função do professor: afetar (no

<sup>100</sup> Se nenhum trabalho for desenvolvido em relação a isso.

<sup>101</sup> No sentido de participação integral.

sentido de “tocar” e também com a ideia de “afeto”), mas antes de tudo também se deixar envolver pelo ambiente em que está, para que, a partir desse envolvimento, ele possa criar proposições que façam sentido às pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Guia de história da arte**. Lisboa: Estampa, 1992.

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008. P.13-25.

BON, Gabriela. Mediadores e professores-mediadores: a experiência da 7ª Bienal do Mercosul. **19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”**. Cachoeira, Bahia. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/gabriela\\_bon.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/gabriela_bon.pdf)> Acesso em: 23 de novembro de 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 01 de dezembro de 2011.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. – (Coleção temas da arte contemporânea)

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Massanga, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção primeiros passos 46).

CORAZZA, Sandra Mara. Para artistar a filosofia-educação: sem ensaio não há inspiração. In: **Qualidade do Ensino na Contemporaneidade: novos e velhos desafios**. 17 nº 34 maio/ago, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. Pedagogia e currículo em três tempos. Porto Alegre: **Pátio Revista Pedagógica**, ano VI, nº 21, maio/julho 2002, p. 44 – 47.

CORAZZA, Sandra Mara; GROPPA, Julio Aquino (Orgs.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DUARTE, Paulo Sergio. **Arte brasileira contemporânea: um prelúdio**. Curitiba: Opus, Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.

EFLAND, Arthur D. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-Moderno. In: BARBOSA, Ana Mae; GUINSBURG, J. (Orgs.). **O Pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. P.173-188.

FLAUBERT, Gustave. **Dicionário das ideias feitas**. 2.ed. Lisboa: Estampa, 1974.

FRANZ, Teresinha Sueli. **EDUCAÇÃO para uma compreensão crítica da ARTE**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LEDUR, Rejane Reckziegel. **Arte contemporânea e produção de sentidos no ensino da arte**. Projeto de Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência. Revista Brasileira de Educação. n. 19, p.20-28, jan.-abr. 2002.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Isto (não) é ensino de arte? Conversas e provocações sobre arte, educação e docência. In: Seminário Municipal de Charqueadas: **a Escola Reflexiva em ação** - Encontro de Inverno 2007. Charqueadas, RS: SMED Charqueadas, 2007. v. 1. P36-46.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES GUERRA, M. Terezinha. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste ; PICOSQUE, G. Professor: escavador de sentidos. In: \_\_\_\_\_. **Mediação cultural para professores andarilhos da cultura**. São Paulo: Arte por escrito - Rizoma Cultural - Content Stuff, 2008. v. 1. P132-151.



MILLET, Catherine. **A Arte Contemporânea**. Coleção BBCC. Portugal: Instituto Piaget, 1997.

PARSONS, Michael. **Mudando direções na arte-educação contemporânea**. V Encontro – Compreender a Arte: um ato de cognição verbal e visual. SESC-SP, 1999. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text\\_5.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm)> Acesso em: 24 de setembro de 2011.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a história da arte**. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SABINO, Fernando. **Lugares-comuns**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SANT'ANNA, Renata. **Saber e Ensinar ARTE CONTEMPORÂNEA**. São Paulo: Panda Books, 2009.

SOUICY, Donald. Não existe expressão sem conteúdo. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010. P40-51.

**APÊNDICE I – Modelo da ficha preenchida por cada aluno.**



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Cidade Natal: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo estuda na escola: \_\_\_\_\_

Pais ou responsáveis: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Possui acesso a internet? ( ) sim onde? \_\_\_\_\_  
( ) não

Se sim, com que frequência?  
( ) 1 vez na semana ( ) 3 vezes na semana ( ) diariamente

Possui e-mail? \_\_\_\_\_

Quais atividades você pratica fora da escola?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Expectativas em relação às aulas de artes:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



## APÊNDICE II – Primeiro questionário de sondagem.



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
Disciplina: Artes Visuais Data: \_\_\_\_\_

Analise as afirmativas abaixo e assinale V (para verdadeiro) ou F ( para falso).

- ( ) A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).
- ( ) Um artista só fica famoso se ele realmente é bom.
- ( ) A história da arte que nos é apresentada é completa e sem falhas.
- ( ) Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.
- ( ) Os artistas só ficam famosos depois que morrem.
- ( ) Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.
- ( ) Para ser artista é necessário ser diplomado em uma graduação em artes plásticas / visuais.
- ( ) Uma obra de arte sempre é original (no sentido de novidade).
- ( ) A arte de hoje deve, única e exclusivamente, ser produzida através de meios / mídias digitais, afinal, já vivemos no século XXI.
- ( ) Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.
- ( ) O conceito de arte é aberto e pode estar sempre em construção.
- ( ) Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.
- ( ) A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo: pessoais, cotidianas, políticas, ambientais, etc.
- ( ) Todos os artistas visuais tem um momento de fama.
- ( ) O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.
- ( ) A arte deve ser bela e confortante. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.
- ( ) Pode-se dizer que o artista é também um pesquisador.
- ( ) Arte depende de talento.
- ( ) Tudo é arte.
- ( ) Arte é expressão.
- ( ) O artista já nasce “artista”.
- ( ) Antigamente, não existiam artistas mulheres.
- ( ) Arte é reflexão.
- ( ) Todo o artista é famoso.

**APÊNDICE III –** Tabulação dos resultados a partir da aplicação do primeiro questionário (Apêndice II).

Questão 1 (turmas do estágio)

***A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F
Turma 51	8	2	6	0	14	2	87,5	12,5
Turma 82	6	4	6	3	12	7	63,16	36,84
							75,33	24,67

Questão 1 (todas as turmas)

***A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F
Turma 51	8	2	6	0	14	2	87,5	12,5
Turma 52	5	3	8	0	13	3	81,25	18,75
Turma 53	10	2	6	2	16	4	80	20
Turma 61	5	1	7	4	12	5	70,59	29,51
Turma 62	7	1	10	2	17	3	85	15
Turma 71	6	1	10	4	16	5	76,19	23,81
Turma 72	3	4	10	2	13	6	68,42	31,58
Turma 81	6	4	6	3	12	7	63,16	36,84
Turma 82	6	2	5	2	11	4	73,33	26,67
							76,16	23,85

Questão 2 (turmas do estágio)

***Um artista só fica famoso se ele realmente é bom.***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F
Turma 51	4	6	3	3	7	9	43,75	56,25
Turma 82	3	7	4	5	7	12	36,84	63,16
							40,30	59,70

Questão 2 (todas as turmas)

***Um artista só fica famoso se ele realmente é bom.***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F
Turma 51	4	6	3	3	7	9	43,75	56,25
Turma 52	3	5	1	7	4	12	25	75
Turma 53	2	10	2	6	4	16	20	80
Turma 61	4	2	6	5	10	7	58,82	41,18
Turma 62	4	4	11	1	15	5	75	25
Turma 71	5	2	10	4	15	6	71,43	28,57
Turma 72	3	4	6	6	9	10	47,37	52,63
Turma 81	4	4	6	1	10	5	66,67	33,33
Turma 82	3	7	4	5	7	12	36,84	63,16
							49,43	50,57

Questão 3 (turmas do estágio)

**A história da arte que nos é apresentada é completa e sem falhas.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	3	7	2	4	5	11	31,25	68,75
Turma 82	1	9	2	7	3	16	15,79	84,21
							23,52	76,48

Questão 3 (todas as turmas)

**A história da arte que nos é apresentada é completa e sem falhas.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	3	7	2	4	5	11	31,25	68,75
Turma 52	1	7	1	7	2	14	12,5	87,5
Turma 53	6	6	2	6	8	12	40	60
Turma 61	2	4	3	8	5	12	29,41	70,59
Turma 62	0	8	4	8	4	16	20	80
Turma 71	2	5	4	9	6	14	28,57	66,67
Turma 72	1	6	6	6	7	12	36,84	63,16 (01 n resp)
Turma 81	2	6	1	6	3	12	20,00	80,00
Turma 82	1	9	2	7	3	16	15,79	84,21
							26,04	73,43

Questão 4 (turmas do estágio)

**Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	9	1	5	1	14	2	87,5	12,5
Turma 82	7	3	8	1	15	4	78,95	21,05
							83,22	16,78

Questão 4 (todas as turmas)

**Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	9	1	5	1	14	2	87,5	12,5
Turma 52	7	1	4	4	11	5	68,75	31,25
Turma 53	6	6	2	6	8	12	40	60
Turma 61	3	3	8	3	11	6	64,71	35,29
Turma 62	4	4	5	7	9	11	45	55
Turma 71	4	3	6	8	10	11	47,62	52,38
Turma 72	4	3	11	1	15	4	78,95	21,05
Turma 81	3	5	5	2	8	7	53,33	46,67
Turma 82	7	3	8	1	15	4	78,95	21,05
							62,76	37,24

Questão 5 (turmas do estágio)

**Os artistas só ficam famosos depois que morrem.**

Questão 5	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	0	10	1	5	1	15	6,25	93,75
Turma 82	2	8	4	5	6	13	31,58	68,42
							18,91	81,09

Questão 5 (todas as turmas)

**Os artistas só ficam famosos depois que morrem.**

Questão 5	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	0	10	1	5	1	15	6,25	93,75
Turma 52	1	7	2	6	3	13	18,75	81,25
Turma 53	1	11	2	6	3	17	15	85
Turma 61	2	4	3	8	5	12	29,41	70,59
Turma 62	1	7	2	10	3	17	15	85
Turma 71	1	6	0	14	1	20	4,76	95,24
Turma 72	1	6	2	9	3	15	15,79	78,95
Turma 81	0	8	1	6	1	14	6,67	93,33
Turma 82	2	8	4	5	6	13	31,58	68,42
							15,91	83,50

Questão 6 (turmas do estágio)

**Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	10	0	5	1	15	1	93,75	6,25
Turma 82	10	0	9	0	19	0	100,00	0,00
							96,88	3,13

Questão 6 (todas as turmas)

**Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	10	0	5	1	15	1	93,75	6,25
Turma 52	8	0	7	1	15	1	93,75	6,25
Turma 53	8	4	8	0	16	4	80	20
Turma 61	5	1	9	2	14	3	82,35	17,65
Turma 62	7	1	12	0	19	1	95	5
Turma 71	6	1	13	1	19	2	90,48	9,52
Turma 72	7	0	12	0	19	0	100,00	0,00
Turma 81	7	1	5	2	12	3	80,00	20,00
Turma 82	10	0	9	0	19	0	100,00	0,00
							90,59	9,41

Questão 8 (turmas do estágio)

***Uma obra de arte sempre é original (no sentido de novidade).***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		7	3	5	1	12	4	75	25
Turma 82		3	7	6	3	9	10	47,37	52,63
								61,18	38,82

Questão 8 (todas as turmas)

***Uma obra de arte sempre é original (no sentido de novidade).***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		7	3	5	1	12	4	75	25
Turma 52		3	5	3	5	6	10	37,5	62,5
Turma 53		7	5	2	6	9	11	45	55
Turma 61		4	2	8	3	12	5	70,59	29,41
Turma 62		6	2	6	6	12	8	60	40
Turma 71		7	0	8	6	15	6	71,43	28,57
Turma 72		3	4	9	3	12	7	63,16	36,84
Turma 81		8	0	4	3	12	3	80,00	20,00
Turma 82		3	7	6	3	9	10	47,37	52,63
								61,12	38,88

Questão 7 (turmas do estágio)

***Para ser artista é necessário ser diplomado em uma graduação em artes plásticas / visuais.***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		6	4	4	2	10	6	62,5	37,5
Turma 82		3	7	2	7	5	14	26,32	73,68
								44,41	55,59

Questão 7 (todas as turmas)

***Para ser artista é necessário ser diplomado em uma graduação em artes plásticas / visuais.***

	Feminino		Masculino		Geral		Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		6	4	4	2	10	6	62,5	37,5
Turma 52		4	4	3	5	7	9	43,75	56,25
Turma 53		5	7	2	6	7	13	35	65
Turma 61		3	3	2	9	5	12	29,41	70,59
Turma 62		4	4	5	7	9	11	45	55
Turma 71		2	5	7	7	9	12	42,86	57,14
Turma 72		0	7	4	8	4	15	21,05	78,95
Turma 81		5	3	2	5	7	8	46,67	53,33
Turma 82		3	7	2	7	5	14	26,32	73,68
								39,17	60,83

Questão 9 (turmas do estágio)

**A arte de hoje deve, única e exclusivamente, ser produzida através de meios / mídias digitais, afinal, já vivemos no século XXI.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	1	9	1	5	2	14	12,5	87,5
Turma 82	5	5	1	8	6	13	31,58	68,42
							22,04	77,96

Questão 9 (todas as turmas)

**A arte de hoje deve, única e exclusivamente, ser produzida através de meios / mídias digitais, afinal, já vivemos no século XXI.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	1	9	1	5	2	14	12,5	87,5
Turma 52	0	8	0	8	0	16	0	100
Turma 53	3	9	0	8	3	17	15	85
Turma 61	1	5	3	8	4	13	23,53	76,47
Turma 62	2	6	2	10	4	16	20	80
Turma 71	1	6	5	9	6	15	28,57	71,43
Turma 72	1	6	6	6	7	12	36,84	63,16
Turma 81	2	5	3	3	5	8	33,33	53,33
Turma 82	5	5	1	8	6	13	31,58	68,42 (02 n resp)
							22,37	76,15

Questão 10 (turmas do estágio)

**Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	3	7	0	6	3	13	18,75	81,25
Turma 82	0	10	1	8	1	18	5,26	94,74
							12,01	87,99

Questão 10 (todas as turmas)

**Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	3	7	0	6	3	13	18,75	81,25
Turma 52	3	5	2	6	5	11	31,25	68,75
Turma 53	5	7	3	5	8	12	40	60
Turma 61	1	5	1	10	2	15	11,76	88,24
Turma 62	0	8	3	9	3	17	15	85
Turma 71	1	6	0	14	1	20	4,76	95,24
Turma 72	0	7	1	11	1	18	5,26	94,74
Turma 81	3	5	1	6	4	11	26,67	73,33
Turma 82	0	10	1	8	1	18	5,26	94,74
							17,63	82,37



Questão 11 (turmas do estágio)

**O conceito de arte é aberto e pode estar sempre em construção.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	8	1	4	2	12	3	75	18,75
Turma 82	9	1	9	0	18	1	94,74	5,26 (01 n resp)
							84,87	12,01

Questão 11 (todas as turmas)

**O conceito de arte é aberto e pode estar sempre em construção.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	8	1	4	2	12	3	75	18,75
Turma 52	5	3	5	2	10	5	62,5	31,25 (01 n resp)
Turma 53	11	1	7	1	18	2	90	10 (01 n resp)
Turma 61	6	0	6	5	12	5	70,49	29,41
Turma 62	6	2	11	1	17	3	85	15
Turma 71	6	1	11	3	17	4	80,95	19,05
Turma 72	6	1	11	1	17	2	89,47	10,53
Turma 81	6	1	7	0	13	1	86,67	6,67
Turma 82	9	1	9	0	18	1	94,74	5,26 (01 n resp)
							81,65	16,21

Questão 12 (turmas do estágio)

**Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	5	5	5	1	10	6	62,5	37,5
Turma 82	6	4	6	3	12	7	63,16	36,84
							62,83	37,17

Questão 12 (todas as turmas)

**Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F		V	F	
Turma 51	5	5	5	1	10	6	62,5	37,5
Turma 52	6	2	7	1	13	3	81,25	18,75
Turma 53	5	7	3	5	8	12	40	60
Turma 61	5	1	7	4	12	5	70,59	29,41
Turma 62	5	3	6	6	11	9	55	45
Turma 71	4	3	13	1	17	4	80,95	19,05
Turma 72	7	0	7	5	14	5	73,68	26,32
Turma 81	8	0	6	1	14	1	93,33	6,67
Turma 82	6	4	6	3	12	7	63,16	36,84
							68,94	31,06

Questão 13 (turmas do estágio)

**A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo: pessoais, cotidianas, políticas, ambientais, etc.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	2	5	1	13	3	81,25	18,75
Turma 82		9	1	9	0	18	1	94,74	5,26
								87,99	12,01

Questão 13 (todas as turmas)

**A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo: pessoais, cotidianas, políticas, ambientais, etc.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	2	5	1	13	3	81,25	18,75
Turma 52		0	8	5	3	5	11	31,25	68,75
Turma 53		9	3	7	1	16	4	80	20
Turma 61		5	1	8	3	13	4	76,47	23,53
Turma 62		7	1	12	0	19	1	95	5
Turma 71		6	1	14	0	20	1	95,24	4,76
Turma 72		6	1	11	1	17	2	89,47	10,53
Turma 81		8	0	6	1	14	1	93,33	6,67
Turma 82		9	1	9	0	18	1	94,74	5,26
								81,86	18,14

Questão 14 (turmas do estágio)

**Todos os artistas visuais tem um momento de fama.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		6	4	3	3	9	7	56,25	43,75
Turma 82		4	6	4	5	8	11	42,11	57,89
								49,18	50,82

Questão 14 (todas as turmas)

**Todos os artistas visuais tem um momento de fama.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		6	4	3	3	9	7	56,25	43,75
Turma 52		6	2	7	1	13	3	81,25	18,75
Turma 53		10	2	7	1	17	3	85	15
Turma 61		2	4	6	5	8	9	47,06	52,94
Turma 62		7	1	7	5	14	6	70	30
Turma 71		6	1	7	7	13	8	61,90	38,10
Turma 72		4	3	5	7	9	10	47,37	52,63
Turma 81		6	2	6	1	12	3	80,00	20,00
Turma 82		4	6	4	5	8	11	42,11	57,89
								63,44	36,56

Questão 15 (turmas do estágio)

***O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.***

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		9	1	6	0	15	1	93,75	6,25
Turma 82		6	4	4	5	10	9	52,63	47,37
								73,19	26,81

Questão 15 (todas as turmas)

***O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.***

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		9	1	6	0	15	1	93,75	6,25
Turma 52		5	3	8	0	13	3	81,25	18,75
Turma 53		10	2	6	2	16	4	80	20
Turma 61		6	0	8	3	14	3	82,35	17,65
Turma 62		5	3	6	6	11	9	55	45
Turma 71		7	0	7	7	14	7	66,67	33,33
Turma 72		5	2	8	4	13	6	68,42	31,58
Turma 81		6	2	5	2	11	4	73,33	26,67
Turma 82		6	4	4	5	10	9	52,63	47,37
								72,60	27,40

Questão 16 (turmas do estágio)

***A arte deve ser bela e confortante. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.***

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		6	4	2	4	8	8	50	50
Turma 82		6	4	2	7	8	11	42,11	57,89
								46,05	53,95

Questão 16 (todas as turmas)

***A arte deve ser bela e confortante. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.***

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		6	4	2	4	8	8	50	50
Turma 52		6	2	2	6	8	8	50	50
Turma 53		8	4	1	7	9	11	45	55
Turma 61		2	4	8	3	10	7	58,82	41,18
Turma 62		3	5	5	7	8	12	40	60
Turma 71		4	3	11	3	15	6	71,43	28,57
Turma 72		2	5	9	3	11	8	57,89	42,11
Turma 81		1	7	4	3	5	10	33,33	66,67
Turma 82		6	4	2	7	8	11	42,11	57,89
								49,84	50,16

Questão 17 (turmas do estágio)

**Pode-se dizer que o artista é também um pesquisador.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)	
	V	F	V	F		V	F
Turma 51	7	3	6	0	13	3	81,25 18,75
Turma 82	10	0	8	1	18	1	94,74 5,26
							87,99 12,01

Questão 17 (todas as turmas)

**Pode-se dizer que o artista é também um pesquisador.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)	
	V	F	V	F		V	F
Turma 51	7	3	6	0	13	3	81,25 18,75
Turma 52	3	5	6	2	9	7	56,25 43,75
Turma 53	11	1	7	1	18	2	90 10
Turma 61	5	1	7	4	12	5	70,59 29,41
Turma 62	7	1	11	1	18	2	90 10
Turma 71	7	0	10	4	17	4	80,95 19,05
Turma 72	7	0	11	1	18	1	94,74 5,26
Turma 81	8	0	7	0	15	0	100,00 0,00
Turma 82	10	0	8	1	18	1	94,74 5,26
							84,28 15,72

Questão 18 (turmas do estágio)

**Arte depende de talento.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)	
	V	F	V	F		V	F
Turma 51	8	2	4	2	12	4	75 25
Turma 82	5	5	5	4	10	9	52,63 47,37
							63,82 36,18

Questão 18 (todas as turmas)

**Arte depende de talento.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)	
	V	F	V	F		V	F
Turma 51	8	2	4	2	12	4	75 25
Turma 52	6	2	5	3	11	5	68,75 31,25
Turma 53	11	1	4	4	15	5	75 25
Turma 61	4	2	7	4	11	6	64,71 35,29
Turma 62	5	3	9	3	14	6	70 30
Turma 71	5	2	6	8	11	10	52,38 47,62
Turma 72	4	3	6	6	10	9	52,63 47,37
Turma 81	3	5	6	1	9	6	60,00 40,00
Turma 82	5	5	5	4	10	9	52,63 47,37
							63,46 36,54

Questão 19 (turmas do estágio)

**Tudo é arte.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	2	4	2	12	4	75	25
Turma 82		5	5	5	4	10	9	52,63	47,37
								63,82	36,18

Questão 19 (todas as turmas)

**Tudo é arte.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	2	4	2	12	4	75	25
Turma 52		4	4	4	4	8	8	50	50
Turma 53		9	3	5	3	14	6	70	30
Turma 61		3	3	5	6	8	9	47,06	52,94
Turma 62		3	5	6	6	9	11	45	55
Turma 71		4	3	9	5	13	8	61,90	38,10
Turma 72		3	4	7	5	10	9	52,63	47,37
Turma 81		4	4	2	5	6	9	40,00	60,00
Turma 82		5	5	5	4	10	9	52,63	47,37
								54,91	45,09

Questão 20 (turmas do estágio)

**Arte é expressão.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	1	4	2	12	3	75	18,75 (01 n resp)
Turma 82		8	2	8	1	16	3	84,21	15,79
								79,61	17,27

Questão 20 (todas as turmas)

**Arte é expressão.**

	Feminino		Masculino		Geral	Percentual (geral)			
	V	F	V	F		V	F		
Turma 51		8	1	4	2	12	3	75	18,75 (01 n resp)
Turma 52		7	1	5	3	12	4	75	25
Turma 53		10	2	8	0	18	2	90	10
Turma 61		5	1	6	5	11	6	64,71	35,29
Turma 62		4	4	9	3	13	7	65	35
Turma 71		6	0	12	2	18	2	85,71	9,52 (01 n resp)
Turma 72		7	0	11	1	18	1	94,74	5,26
Turma 81		7	1	6	1	13	2	86,67	13,33
Turma 82		8	2	8	1	16	3	84,21	15,79
								80,12	18,66

Questão 21 (turmas do estágio)

**O artista já nasce "artista".**

	Feminino		Masculino			Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		0	10	1	5	1	15	6,25	93,75
Turma 82		1	9	3	6	4	15	21,05	78,95
								13,65	86,35

Questão 21 (todas as turmas)

**O artista já nasce "artista".**

	Feminino		Masculino			Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		0	10	1	5	1	15	6,25	93,75
Turma 52		3	5	5	2	8	7	50	43,75 (01 n resp)
Turma 53		3	9	1	7	4	16	20	80
Turma 61		1	5	2	9	3	14	17,65	82,35
Turma 62		2	6	5	7	7	13	35	65
Turma 71		2	5	1	12	3	17	14,29	80,95 (01 n resp)
Turma 72		5	2	11	1	16	3	84,21	15,79
Turma 81		2	6	0	7	2	13	13,33	86,67
Turma 82		1	9	3	6	4	15	21,05	78,95
								29,09	69,69

Questão 22 (turmas do estágio)

**Antigamente, não existiam artistas mulheres.**

	Feminino		Masculino			Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		7	3	4	2	11	5	68,75	31,25
Turma 82		5	5	7	2	12	7	63,16	36,84
								65,95	34,05

Questão 22 (todas as turmas)

**Antigamente, não existiam artistas mulheres.**

	Feminino		Masculino			Geral		Percentual (geral)	
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		7	3	4	2	11	5	68,75	31,25
Turma 52		4	4	1	7	5	11	31,25	68,75
Turma 53		6	6	4	4	10	10	50	50
Turma 61		2	4	4	7	6	11	35,29	64,71
Turma 62		6	2	6	5	12	7	60	35 (01 n resp)
Turma 71		2	5	7	7	9	12	42,86	57,14
Turma 72		3	4	6	6	9	10	47,37	52,63
Turma 81		2	6	2	5	4	11	26,67	73,33
Turma 82		5	5	7	2	12	7	63,16	36,84
								47,26	52,18

Questão 23 (turmas do estágio)

**Arte é reflexão.**

	Feminino		Masculino			Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		9	1	5	1	14	2	87,5	12,5
Turma 82		9	1	7	2	16	3	84,21	15,79
								85,86	14,14

Questão 23 (todas as turmas)

**Arte é reflexão.**

	Feminino		Masculino			Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		9	1	5	1	14	2	87,5	12,5
Turma 52		7	1	6	1	13	2	81,25	12,5 (01 n resp)
Turma 53		9	3	6	2	15	5	75	25
Turma 61		5	1	8	3	13	4	76,47	23,53
Turma 62		7	1	12	0	19	1	95	5
Turma 71		6	1	12	2	18	3	85,71	14,29
Turma 72		5	2	8	4	13	6	68,42	31,58
Turma 81		7	1	6	1	13	2	86,67	13,33
Turma 82		9	1	7	2	16	3	84,21	15,79
								82,25	17,06

Questão 24 (turmas do estágio)

**Todo o artista é famoso.**

	Feminino		Masculino			Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		3	7	0	6	3	13	18,75	81,25
Turma 82		0	10	1	8	1	18	5,26	94,74
								12,01	87,99

Questão 24 (todas as turmas)

**Todo o artista é famoso.**

	Feminino		Masculino			Geral	Percentual (geral)		
	V	F	V	F	V	F	V	F	
Turma 51		3	7	0	6	3	13	18,75	81,25
Turma 52		0	8	1	7	1	15	6,25	93,75
Turma 53		7	5	1	7	8	12	40	60
Turma 61		0	6	0	11	0	17	0,00	100,00
Turma 62		2	6	1	11	3	17	15	85
Turma 71		2	5	1	13	3	18	14,29	85,71
Turma 72		0	7	0	12	0	19	0,00	100,00
Turma 81		0	8	0	7	0	15	0,00	100,00
Turma 82		0	10	1	8	1	18	5,26	94,74
								11,06	88,94

## APÊNDICE IV – Segundo questionário de sondagem.



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
Disciplina: Artes Visuais Data: \_\_\_\_\_

Quais são suas principais atividades de lazer: (enumere por ordem de importância de 1º a 3º)

- ( ) assistir TV
- ( ) navegar na internet
- ( ) ir ao shopping
- ( ) ir ao cinema
- ( ) ler
- ( ) passear pela cidade
- ( ) praticar esportes
- ( ) \_\_\_\_\_

Quantos filmes você costuma ver por mês?

- ( ) nenhum
- ( ) 01
- ( ) 02
- ( ) 03
- ( ) mais que 03

Quantos livros você lê por ano?

- ( ) menos que um
- ( ) 01
- ( ) 02
- ( ) 03
- ( ) mais que 03

Você já visitou algum museu ou exposição de arte?

- ( ) Sim, quantas vezes? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

Já visitou alguma Bienal de Artes Visuais?

- ( ) Sim, quantas? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

Se você já visitou alguma Bienal de Artes Visuais, quais foram as impressões que você teve: (enumere de um 1 a 3, conforme a importância)

- ( ) achou a mostra, em sua maioria, bem interessante
- ( ) viu coisas absurdas
- ( ) teve dúvidas sobre os trabalhos apresentados: para você, muita coisa exposta não poderia ser arte
- ( ) achou tudo meio estranho
- ( ) encontrou ali o que já estava preparado para encontrar
- ( ) não encontrou na mostra o que espera encontrar

Quando você lembra de “artistas”, que nomes vêm à sua mente?

---



Quando você pensa na expressão “arte” (artes plásticas / visuais), que palavras ou sensações lhe vêm à mente? (enumere de um 1 a 3, conforme a importância)

- coisas bonitas
- coisas feias
- coisas agradáveis
- coisas estranhas
- coisas interessantes
- coisas diferentes
- coisas para pensar
- cópias de coisas que existem na natureza
- pinturas
- esculturas
- coisas nas quais não se pode tocar
- coisas caras

Quando você visita qualquer tipo de exposição, você costuma:

- dar uma olha geral e escolher alguns objetos para olhar com mais atenção
- olhar todos os objetos com atenção
- somente dar uma olhada geral para saber do que se trata

Porque você visita ou visitaria uma mostra de arte? (se marcar mais que uma opção, enumere conforme a importância)

- pela obrigatoriedade (no caso de ir com a escola)
- por interesse pessoal
- como uma forma de lazer
- para conhecer um lugar diferente

Antes de visitar alguma mostra de arte, você costuma buscar informações sobre a mesma, ou sobre o assunto a que ela se relaciona?

- sim
- não

**APÊNDICE V – Cronograma de trabalho com os alunos durante o 2º semestre de 2011 (resumido).**

<b>Organização dos encontros semanais</b>		
<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Sexta</b>
<b>Turma 72</b> (8h35 às 9h25)	<b>Turma 71</b> (8h35 às 9h25)	<b>Turma 81</b> (10h30 às 11h20)
<b>Turma 82</b> (11h20 às 12h)		

<b>AGOSTO</b>		
<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Sexta</b>
<b>01</b> Conversa sobre a atividade/visita ao MARGs <sup>102</sup> ; Finalização dos projetos relativos a Mostra <i>6 Bilhões de Outros</i> .	<b>02</b> Finalização dos projetos relativos a Mostra <i>6 Bilhões de Outros</i> .	<b>05</b> Entrega dos trabalhos de visita a uma exposição; Conversa sobre LIVRO DE ARTISTA, nova proposta de trabalho.
Entrega dos trabalhos de visita a uma exposição; Conversa sobre LIVRO DE ARTISTA, nova proposta de trabalho.		
<b>08</b> Apresentações dos projetos e comentários; Combinações para a ida ao MARGs.	<b>09</b> Apresentações dos projetos e comentários; Fechamento da proposta.	<b>12</b> Primeiro encontro com a artista; Apresentação de Adriana Daccache.
Primeiro encontro com a artista; Apresentação de Adriana Daccache.		
<b>15</b> PROF <sup>a</sup> AUSENTE <sup>103</sup>	<b>16</b> PROF <sup>a</sup> AUSENTE <sup>104</sup>	<b>19</b> Oficina – Início da confecção dos cadernos.

<sup>102</sup> Turma que participou de um projeto especial, proposto pelo Coletivo E, responsável pela Ação Educativa da mostra Labirintos na Iconografia, no MARGs. Como participei de encontro de professores, pude realizar a atividade lá, porém apenas com uma das turmas (número limite por professor interessado, determinado pela instituição).

<sup>103</sup> Devido à participação no Simpósio Internacional *Estratégias do Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais*, realizado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade São Paulo, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 2011.

<sup>104</sup> Idem nota 2.

PROF <sup>a</sup> AUSENTE <sup>105</sup>		Com a presença da Adriana.
<b>22</b> Conversa sobre o <i>passeio</i> . O que se pode aprender fora da escola? Retomada e discussão da atividade realizada no museu.	<b>23</b> Início do trabalho com imagens; Dinâmica com as imagens “históricas”.	<b>26</b> REUNIÃO <sup>106</sup>
Oficina – Início da produção dos livros/cadernos.		
<b>29</b> Início do trabalho com as <i>imagens da arte</i> . [A dinâmica não funcionou nessa turma.]	<b>30</b> Dinâmica a partir das imagens “contemporâneas”.	
Continuamos na produção dos cadernos. Capa.		

SETEMBRO		
Segunda	Terça	Sexta
		<b>02</b> Continuamos na produção dos cadernos. Capa.
<b>05</b> Orientação para o trabalho de pesquisa sobre as imagens (Apêndice X). Continuamos na produção dos cadernos. Parte interna – Organização dos fólios	<b>06</b> Orientação para o trabalho de pesquisa sobre as imagens (Apêndice X).	<b>09</b> Continuamos na produção dos cadernos. Parte interna – Organização dos fólios
<b>12</b> Escolha das imagens, busca de referências e esclarecimentos sobre a atividade. Continuamos na produção dos cadernos.	<b>13</b> Escolha das imagens, busca de referências e esclarecimentos sobre a atividade; Combinação do cronograma.	<b>16</b> Continuamos na produção dos cadernos. Início da costura.

<sup>105</sup> Idem nota 2.

<sup>106</sup> Portanto, os alunos não tiveram aula.

<b>19</b> PONTE	<b>20</b> FERIADO	<b>23</b> TORNEIO DE FUTSAL
PONTE		
<b>26</b> CONSELHO DE CLASSE	<b>27</b> Esclarecimentos sobre a pesquisa e realização da mesma em aula;	<b>30</b> Orientação para o trabalho de pesquisa sobre as imagens e combinação do cronograma de trabalho.
CONSELHO DE CLASSE		
<b>OUTUBRO</b>		
<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Sexta</b>
<b>03</b> Previsão para apresentação das pesquisas. Como a maioria não havia realizado, adiamos e combinamos uma possível data para visitar a bienal.	<b>04</b> Apresentações das pesquisas, formando a linha do tempo.	<b>07</b> Apresentações das pesquisas, formando a linha do tempo.
Orientação para o trabalho de pesquisa sobre as imagens e combinação do cronograma de trabalho.		
<b>10</b> Apresentações das pesquisas, formando a linha do tempo.	<b>11</b> Termino das apresentações e comentários.	<b>14</b> Termino das apresentações e comentários. Entrega da autorização para o encontro extraclasse.
Apresentações das pesquisas, formando a linha do tempo.		
<b>17</b> Termino das apresentações e comentários. Entrega da autorização para o encontro extraclasse.	<b>18</b> PROF <sup>a</sup> AUSENTE <sup>107</sup>	<b>21</b> Apresentação de imagens interessantes da história da arte e arcos temporais. <sup>108</sup>
REUNIÃO		

<sup>107</sup> Devido a visita agendada a 8ª Bienal do Mercosul, com as turmas de 6ªs séries.

<sup>108</sup> Apresentação realizada pela professora, mostrando artistas referenciais, inclusive muitos pesquisados por eles, numa forma de retomar a linha do tempo (que não estava devidamente exposta como o planejado), e, também buscando mostrar como alguns temas e mesmo trabalhos foram pensados por outros artistas. Um exemplo, a Mona Lisa, de Da Vinci, trabalhada por Duchamp praticamente 400 anos depois, por Nelson Leirner, entre outros artistas e como essa imagem aparece na mídia.

<b>24</b> Orientações para a atividade de visita a Bienal e trabalho – 2ª parte (Apêndice X).	<b>25</b> PROJETO SUSTENTABILIDADE – UFRGS / ADIMINISTRAÇÃO <sup>109</sup>	<b>28</b> FERIADO <sup>110</sup>
Apresentação de imagens interessantes da história da arte e arcos temporais. <sup>111</sup>		
<b>31</b> Atividade em grupos na linha do tempo.		
Atividade em grupos na linha do tempo.		

<b>NOVEMBRO</b>		
<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Sexta</b>
	<b>01</b> Apresentação de imagens interessantes da história da arte e arcos temporais. <sup>112</sup>	<b>04</b> PROFª AUSENTE <sup>113</sup>
<b>07</b> Vídeo: “Quem tem medo de Arte Contemporânea?” <sup>114</sup>	<b>08</b> Vídeo: “Quem tem medo de Arte Contemporânea?” <sup>115</sup>	<b>11</b> Vídeo: “Quem tem medo de Arte Contemporânea?” <sup>116</sup>
Vídeo: “Quem tem medo de Arte Contemporânea?” <sup>117</sup>		

<sup>109</sup> Atividade desenvolvida por alunos da UFRGS com os alunos de 6ªs e 7ªs séries da escola, portanto mais um encontro da disciplina foi adiado.

<sup>110</sup> Dia do servidor público.

<sup>111</sup> Apresentação realizada pela professora, mostrando artistas referenciais, inclusive muitos pesquisados por eles, numa forma de retomar a linha do tempo (que não estava devidamente exposta como o planejado), e, também buscando mostrar como alguns temas e mesmo trabalhos foram pensados por outros artistas. Um exemplo, a Mona Lisa, de Da Vinci, trabalhada por Duchamp praticamente 400 anos depois, por Nelson Leirner, entre outros artistas e como essa imagem aparece na mídia.

<sup>112</sup> Apresentação realizada pela professora, mostrando artistas referenciais, inclusive muitos pesquisados por eles, numa forma de retomar a linha do tempo (que não estava devidamente exposta como o planejado), e, também buscando mostrar como alguns temas e mesmo trabalhos foram pensados por outros artistas. Um exemplo, a Mona Lisa, de Da Vinci, trabalhada por Duchamp praticamente 400 anos depois, por Nelson Leirner, entre outros artistas e como essa imagem aparece na mídia.

<sup>113</sup> Devido a visita agendada a 8ª Bienal do Mercosul, com as turmas de 5ªs séries.

<sup>114</sup> DVD que acompanha o livro *Quem tem medo de Arte Contemporânea* (2006), de Fernando Cocchiarale.

<sup>115</sup> Idem nota 10.

<sup>116</sup> Idem nota 10.

<sup>117</sup> Idem nota 10.

<b>14</b> PONTE	<b>15</b> FERIADO	<b>18</b> Segundo momento de realização do 1º questionário de sondagem (Apêndice X).
PONTE		
<b>21</b> Segundo momento de realização do 1º questionário de sondagem (Apêndice X).	<b>22</b> Segundo momento de realização do 1º questionário de sondagem (Apêndice X).	<b>25</b> Debate em sala de aula sobre a questão trazida por uma aluna: “Então como que eu sei se uma obra é contemporânea ou não?”
Segundo momento de realização do 1º questionário de sondagem (Apêndice X).		
<b>28</b> Atividade em grupos na linha do tempo.	<b>29</b> Atividade em grupos na linha do tempo.	
Tentativa de “reexposição” da linha do tempo no corredor da escola.		

<b>DEZEMBRO</b> (previsão)		
<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Sexta</b>
<b>05</b> Apresentação dos livros/cadernos e conversa com a artista Adriana Daccache.	<b>06</b> AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO;	<b>09</b> Apresentação dos livros/cadernos e conversa com a artista Adriana Daccache.
AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO;		
<b>12</b> PRÉ-CONSELHO DE CLASSE	<b>13</b> Fechamento; Devolução de trabalhos.	<b>16</b> AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO; Fechamento.
PRÉ-CONSELHO DE CLASSE		
<b>19</b> AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO; Fechamento.	<b>20</b> CONSELHO DE CLASSE.	
Fechamento; Devolução de trabalhos.		

## APÊNDICE VI – Roteiro para trabalho de visita à uma exposição de arte.

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Disciplina: Artes Visuais

Data: \_\_\_\_\_

### VISITA A UMA EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS

Visite uma exposição de artes visuais (dentre as sugeridas em aula, ou outra de sua preferência) e escreva um texto relatando, refletindo e comentando a experiência a partir das seguintes questões:

1. Qual é o local da exposição? (descrever o local, como e porque o escolheu, como se sentiu nesse lugar, etc.)
2. Qual exposição você visitou? (nome da exposição, de que tema trata, quantos e quais artistas fazem parte, etc.) Como os trabalhos estão dispostos no local? O que você entendeu da mostra?
3. Escolha dois trabalhos para comentar. (Descrição, informações técnicas, motivo da escolha, etc.)
4. Por fim, comente sobre a experiência de realizar este trabalho. Você teve alguma surpresa? Aprendeu algo? Foi fácil? Difícil? Por quê?

## **APÊNDICE VII – Descrição do trabalho realizado em sala de aula a partir da mostra *6 bilhões de Outros*.**

Vimos alguns dos vídeos que a exposição trazia,<sup>118</sup> comentamos sobre o formato de apresentação da mostra e, principalmente, sobre as temáticas em questão. Os alunos se envolveram com as histórias e por vezes alguns se mostravam visivelmente emocionados. O trabalho prosseguiu com a realização de autorretratos/produções visuais a partir de questões que a mostra trazia<sup>119</sup> e outras levantadas pela turma.<sup>120</sup> Após esse primeiro exercício individual, os estudantes trabalharam em grupos na realização de projetos de possíveis trabalhos artísticos a partir de perguntas e questões que motivavam o grupo.

---

<sup>118</sup> Vídeos que estão disponíveis na Internet.

<sup>119</sup> Como por exemplo: “O que o amor representa para você?”; “O que você aprendeu dos seus pais?”; “O que você quer passar para os seus filhos?”; “Por que circunstâncias difíceis você já passou?”, entre outras.

<sup>120</sup> Para realizar esta atividade, tomei como base uma dinâmica inicialmente proposta, como aula experimental, pela colega Caroline Weiberg, na disciplina de Estágio em Artes Visuais I, e nesse caso adaptada por mim para utilização em sala de aula.



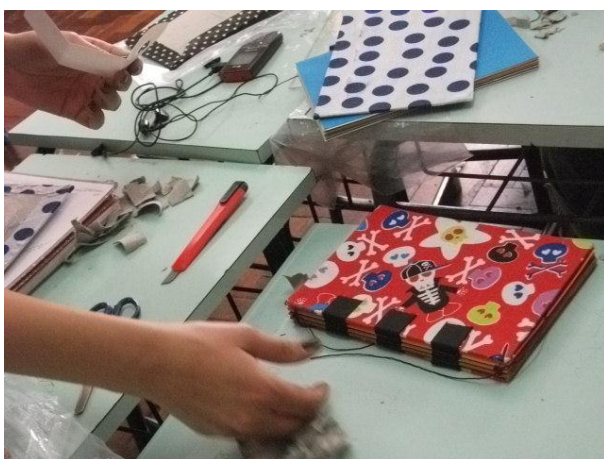
## APÊNDICE VIII – Descrição do desenvolvimento da produção/criação dos livros de artista.

Para a construção do livro, a Adriana esteve na escola, em um segundo encontro<sup>121</sup>, quando encaminhou a proposta do fazer. Eu comprei os materiais que seriam utilizados por todo o grupo, como papelão para capa e contracapa, fios e agulhas para costura, estiletes, entre outros, material este que foi pago pelo grupo.<sup>122</sup> Cada aluno, era responsável em providenciar as folhas para a construção



Segundo encontro da artista com os alunos.

dos fólhos.<sup>123</sup>



Desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

Prosseguimos o trabalho em aula, mas como o tempo era muito pequeno o trabalho praticamente não engrenava. Fiz parceria com a professora de Educação Física, sendo que em alguns momentos juntamos as turmas de 8ª série. Em uma semana ela trabalhava com os meninos das duas turmas e eu com as meninas e vice-versa na semana seguinte. Também foi necessário um encontro extraclasse no turno da tarde para orientação e finalização dos cadernos.

Deste projeto sobre livro de artista, participaram somente as duas turmas de 8ª série.

<sup>121</sup> Ocorrido no dia 15 de agosto com a Turma 82 e no dia 19 de agosto com a Turma 81.

<sup>122</sup> O custo foi de R\$ 2,00 por aluno.

<sup>123</sup> Parte interna do livro/caderno; folhas/páginas.

## APÊNDICE IX – Orientações para o trabalho de pesquisa.

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
Disciplina: Artes Visuais Data: \_\_\_\_\_

### TRABALHO DE PESQUISA INDIVIDUAL - 1ª parte

1. Escreva em um parágrafo pequeno suas primeiras ideias sobre cada imagem.  
(Sugestões: época, ano ou período que você acha que o trabalho foi realizado; descrição, características e/ou função; autor da imagem e o que mais considere importante acrescentar.)  
1ª imagem:  
2ª imagem:
2. Busque a referência completa de cada imagem. (autor, ano, linguagem ou técnica, etc.)  
- Sobre o AUTOR: Quem é ou foi? Com o que trabalha ou já trabalhou? – BIOGRAFIA.  
- Sobre a IMAGEM: Em que período ou época ela foi produzida? Em que CONTEXTO? (Mundo, Brasil e RS) A que “período” da História da Arte ela pertence ou poderia estar relacionada?
3. Que tipo de relação há entre as duas imagens? O que elas tem em comum? Ou o que as difere? Os contextos de produção se relacionam?
4. Exposição das pesquisas para a turma em forma de seminário, criando um panorama de história da arte onde cada um deve inserir suas imagens no momento da apresentação.

## APÊNDICE X – Descrição da atividade “alinhavando história e arte”.

Com as 7<sup>as</sup> séries,<sup>124</sup> houve maior tempo para a realização de dinâmicas a partir das imagens em sala de aula, que antecederam e prepararam os alunos para a atividade de pesquisa.

Individualmente, os alunos escolhiam uma imagem de cada “categoria”, e o principal objetivo era que pudessem perceber um tensionamento de tempo entre as imagens e artistas pesquisados, assim como as principais características de cada um. Em princípio, a referência da imagem não era visível, e a tarefa era escrever o que pensavam sobre a imagem, o que viam ali, primeiras impressões, período que acreditavam que ela foi produzida e/ou que linguagem demonstrava ser (pintura, escultura, fotografia, vídeo, instalação, etc.). Organizei a atividade em uma folha, a qual possuía vários espaços numerados para esta escrita (ver Apêndice XI). As imagens que circulavam, estavam também numeradas. Cada estudante possuía uma folha, para colocar as primeiras impressões e conforme recebia as imagens (que circulavam na turma por tempo cronometrado),<sup>125</sup> escrevia algo sobre ela no número correspondente.

Cada aluno “possuía” a imagem (que foi escolhida no início do encontro), e, quando esta havia circulado pela turma toda, portanto, novamente nas mãos do “dono”, concluía-se a dinâmica. Esta atividade foi realizada em dois momentos, pois cada alunos escolheu duas imagens.

As descrições/percepções foram as mais variadas. Muitos não resistiram e espiaram a referência que estava no verso. Mas, alguns foram sinceros, por exemplo, entre as descrições para a *Lata de Sopa Campbell I* (1968), de Andy Warhol, apareceu várias vezes a definição “lata de leite condensado”, evidenciando um olhar pouco atento e apurado sobre as imagens. A etapa seguinte consistia em,

---

<sup>124</sup> Turmas que não realizavam a atividade com a artista Adriana Daccache.

<sup>125</sup> As imagens circulavam entre os alunos conforme a ordem das filas. Cada um ficava em média 30 segundos com cada imagem. Combinamos que os 15 primeiros segundos seriam para observação, e os 15 segundos finais para a escrita.

juntar todos os escritos sobre as imagens que cada um possuía, através do número que identificava as obras.<sup>126</sup>



Parte da linha do tempo.

Devido à realização dos livros/cadernos de artista, as 8<sup>as</sup> séries não realizaram esta dinâmica inicial, apenas recebendo as imagens diretamente para pesquisa individual.

Para que a continuação da atividade não se tornasse monótona, apenas através de exposição somente minha, propus que, após as pesquisas, cada aluno apresentasse suas imagens para turma e, que, as afixasse em uma linha do tempo. Nessas apresentações, ficavam disponíveis papéis coloridos com datas/épocas/movimentos artísticos, os quais também deveriam ser afixados na linha do tempo conforme se relacionavam com as apresentações.

A ideia primeira era fazer uma linha do tempo fixa, que ficaria no corredor em frente às salas de aulas destas 04 turmas, ou em algum lugar visível e próximo as salas de aula já que essas turmas trabalhariam na mesma linha.<sup>127</sup> O objetivo era criar algo próximo e cotidiano aos estudantes, os fazendo visualizar tais conceitos e imagens diariamente. Infelizmente, na parede daquele corredor nada resiste afixado, devido ao material da mesma.<sup>128</sup>

Portanto, para as apresentações das pesquisas, exposições das imagens e comentários,



Corredor em frente as salas de aula das 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries (portas à esquerda no lado esquerdo da imagem). (acima)

Linha do tempo "ideal", que permaneceu por pouco tempo (cerca de três dias).

<sup>126</sup> Essa atividade exige muita organização por parte dos alunos, como do professor-propositor. Apesar da dinâmica ser interessante, me pareceu que necessita ser repensada de forma mais prática, principalmente no momento da troca de informações sobre as imagens.

<sup>127</sup> Eu não tinha imagens repetidas, portanto as imagens utilizadas nas quatro turmas eram praticamente as mesmas, podendo o aluno escolher e anotar as referências para a pesquisa.

<sup>128</sup> Depois que realizamos a primeira tentativa (eu e os alunos), algumas colegas (professoras) comentaram sobre esse fato.

a linha<sup>129</sup> foi exposta na biblioteca,<sup>130</sup> afixada em prateleiras na forma vertical. Como o trabalho teve duração estendida, não pude deixar a linha exposta<sup>131</sup> todo o tempo e optei por deixá-la dobrada no chão. Quando a utilizávamos, estendíamos novamente.

Essa socialização das pesquisas se deu de forma tranquila e interessante. Em círculo, com a linha do tempo exposta no chão (na maioria das vezes), as apresentações geravam discussões e questionamentos. Foi uma forma de trazer diferentes imagens, buscar relações entre elas e aproximá-los da história da arte assim como da produção artística contemporânea.

Posterior às apresentações individuais, foi realizada uma atividade em grupo, ainda referindo-se diretamente a linha do tempo. Cada grupo recebia uma sacola, na qual havia diversos materiais, imagens, textos, fragmentos de livros, etc.<sup>132</sup> A atividade era, selecionar no mínimo três materiais que eles considerassem fundamentais à nossa linha do tempo, apresentassem para a turma e afixassem junto ao painel.



Sacolas com o material para a atividade.



Alunos reunidos em grupo realizando a atividade.



Alunos reunidos em grupo realizando a atividade.

Para esta proposta o tempo de um período foi insuficiente, não sendo possível que todos apresentassem os materiais escolhidos para a turma. Porém a considero de fundamental importância por possibilitar o contato dos alunos com diferentes materiais (tanto textos como imagens).

Cabe considerar que a dificuldade de manter a “linha do tempo” exposta em lugar amplo e de boa visibilidade, certamente foi o maior problema, desta atividade.

<sup>129</sup> De aproximadamente 6 metros de tecido TNT, na cor branca.

<sup>130</sup> Que durante este ano letivo (2011) permaneceu desativada pela falta de um funcionário responsável por este setor.

<sup>131</sup> Porque mesmo a biblioteca desativada, os professores têm acesso para pegar materiais como dicionários, livros didáticos, etc.

<sup>132</sup> Foram utilizadas imagens de materiais educativos, como por exemplo, os disponibilizados pela Fundação Iberê Camargo; os da 29ª Bienal de São Paulo; da 6ª e 7ª Bienal do Mercosul, entre outros. O livro do qual se extraíram fragmentos, foi *O que é arte* de Jorge Coli.

## APÊNDICE XI – Material utilizado na dinâmica descrita no Apêndice X.



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
Disciplina: Artes Visuais Data: \_\_\_\_\_

Observe a imagem com atenção e escreva junto ao número correspondente suas impressões sobre ela. Sugestões: época, ano ou período em que foi realizada; descrição, características e/ou função; autor da imagem e o que mais considere importante acrescentar.

1. _____ _____	13. _____ _____
2. _____ _____	14. _____ _____
3. _____ _____	15. _____ _____
4. _____ _____	16. _____ _____
5. _____ _____	17. _____ _____
6. _____ _____	18. _____ _____
7. _____ _____	19. _____ _____
8. _____ _____	20. _____ _____
9. _____ _____	21. _____ _____
10. _____ _____	22. _____ _____
11. _____ _____	23. _____ _____
12. _____ _____	24. _____ _____

## APÊNDICE XII – Bilhete referente à atividade na 8ª Bienal do Mercosul.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Senhores pais ou responsáveis,

Tendo em vista a importância da 8ª Bienal do Mercosul como local de aprendizagem, a Profª Karine, responsável pela disciplina de Artes Visuais na escola, propõe aos alunos de 7ªs e 8ªs séries, um encontro extraclasses na mostra "Geopoéticas", localizada nos Armazéns 4, 5 e 6 do Cais do Porto.

Datas e horários por turma:

TURMA	DATA	HORÁRIO / COMBINAÇÃO
71	19/10 (quarta-feira)	13h – saída da escola (iremos caminhando até o local) 13h30 – encontro no Cais do Porto, entrada principal da 8ª Bienal.
72	18/10 (terça-feira)	13h – saída da escola (iremos caminhando até o local) 13h30 – encontro no Cais do Porto, entrada principal da 8ª Bienal.
81	25/10 (terça-feira)	13h – saída da escola (iremos caminhando até o local) 13h30 – encontro no Cais do Porto, entrada principal da 8ª Bienal.
82	26/10 (quarta-feira)	13h – saída da escola (iremos caminhando até o local) 13h30 – encontro no Cais do Porto, entrada principal da 8ª Bienal.

A visita não é de caráter obrigatório, mas será solicitado um trabalho relacionado à mostra, o qual pode ser realizado em outra visita do aluno à 8ª Bienal do Mercosul.

Caso o aluno não puder comparecer na data combinada com a turma, poderá participar em outra data apresentando justificativa e combinando previamente com a profª.

Obs.: Não há custo nenhum e em caso de chuva o encontro será remarcado.

Atenciosamente,  
Direção da Escola.

Autorizo o(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ a participar da atividade descrita acima.

Ass. do pai / mãe ou responsável: \_\_\_\_\_

### APÊNDICE XIII – Descrição da visita a mostra *Geopoéticas*, parte da 8ª Bienal do Mercosul.

Nosso ponto de encontro era junto ao portão da escola, em horário combinado. Saímos da escola juntos,<sup>133</sup> em média, por encontro, se fizeram presentes, entre 10 e 14 alunos.

Já no Cais do Porto, no armazém escolhido pelo grupo, determinei que eles teriam entre 10 e 15 minutos, para em duplas ou trios escolher um trabalho que gostariam de ver com atenção. Apesar de o tempo parecer curto, para alguns ainda sobrava, tanto que encontrei alguns alunos sentados fora do armazém. Já outros, estavam tão ansiosos em ver tudo, que davam uma “escapadinha” para os armazéns mais próximos.

Os trabalhos mais “votados” entre as quatro turmas, foram *Onde nunca anoitece*, (2011) de Lais Myrrha, *Geopoetic flag workshop*<sup>134</sup> (2011) do Coletivo Ykon, *Drinking song*, (2011) de Donna Conlon e Jonathan Harker, e *Consummons racial!*, (2005/2011) de Jean-François Boclé. Em cada grupo discutimos, em média, três ou quatro trabalhos.



Alunos da Turma 81, no Armazém 6, em frente ao trabalho de Jean-François Boclé.

Eu não me sentia preparada para falar sobre todas as obras que estavam nos armazéns visitados. Então, sempre, pedi que um mediador nos acompanhasse e explicava-lhe como desejaríamos que a visita fosse conduzida. Conversei também com os alunos sobre a função do mediador em uma exposição, e que mesmo eu trabalhando na Bienal, havia muitos trabalhos que eu também não conhecia de forma detalhada.<sup>135</sup> A mediação aconteceu em forma de bate-papo, e os alunos estavam muito interessados. Ao mesmo tempo, queriam saber de tudo um pouco, as vezes um pouco impacientes nas conversas, porém nada fora do normal para quem

<sup>133</sup> Exceto os alunos que moravam próximo ao local, que iam diretamente.

<sup>134</sup> “Oficina de bandeira geopoética”.

<sup>135</sup> Considero que os alunos acharam legal esta “franqueza” e isso aumentou a proximidade entre nós. Ficou claro que, nem todos precisam saber de tudo, e que através da experiência e do conhecimento do outro podemos aprender muitas coisas também.



visita esse tipo de mostra pela primeira vez. Depois de discutidos os trabalhos escolhidos pelo grupo, propunha que sentássemos em círculo em algum lugar “confortável”. A vista do Guaíba foi a escolhida em três das quatro visitas. E aí? Que tal a Bienal?

[Aluno 1] *Bá sôra! Assim é outra coisa... Vê os negócio e falar com que sabe é tri.*

[Aluno 2] *Dá outro sentido...*

[Aluno 3] *Olha, vou dizer que eu até tava “gorando” para que chovesse e nem saísse esse passeio... Mas vou dizer, ainda bem que saiu. Não pensava que arte tava liga com tanta coisa.*

O significado de uma Bienal de Artes Visuais parecia não ser o mais importante naquele momento... achei melhor, que a experiência se encarregasse de tocá-los.

## APÊNDICE XIV – Roteiro para atividade escrita.

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Disciplina: Artes Visuais Data: \_\_\_\_\_

### TRABALHO INDIVIDUAL – 2ª parte

Escreva um texto relacionando as atividades realizadas na disciplina, as discussões e os conceitos trabalhados utilizando as questões abaixo como roteiro inicial:

- a) Descreva o trajeto realizado por você da escola até o espaço expositivo da Bienal. Quando foi a visita, com quem você foi e qual foi o roteiro visitado?
- b) Qual era sua expectativa em relação a essa visita? Qual foi a primeira impressão que você teve ao chegar à Bienal?
- c) Como foi conduzida a visita e que percurso foi visitado? Como você se sentiu nesse espaço?
- d) Alguma obra que motivou você visualmente? O que você compreendeu desta obra?
- e) Teve alguma obra que surpreendeu você, que fez você pensar, refletir? Do que a obra tratava e como mostrava o conteúdo? O que você entendeu da proposta?
- f) Como você define a arte contemporânea?
- g) Qual a importância das aulas de arte para compreender a arte produzida na atualidade e que é apresentada na Bienal?
- h) Como você descreve a experiência de uma aula/encontro fora da escola/sala de aula?
- i) O que você leva desta experiência (trabalhos, pesquisa, aulas, discussões e visita à Bienal) para a sua vida? Em que sentido a experiência com a arte pode interferir no seu dia-a-dia?

## APÊNDICE XV – Segunda versão do questionário de sondagem inicial.



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**  
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Disciplina: Artes Visuais

Data: \_\_\_\_\_

- A arte sempre apresenta um produto físico (quadro, escultura, fotografia, instalação, etc.).
  
- Um artista só fica famoso se ele realmente é bom.
  
- A história da arte que nos é apresentada é completa e sem falhas.
  
- Os artistas negros pouco aparecem na história da arte.
  
- Os artistas só ficam famosos depois que morrem.
  
- Muitos artistas exercem outras profissões, por exemplo: podem ser professores, publicitários, bancários, etc.
  
- Para ser artista é necessário ser diplomado em uma graduação em artes plásticas / visuais.
  
- Uma obra de arte sempre é original (no sentido de novidade).
  
- A arte de hoje deve, única e exclusivamente, ser produzida através de meios / mídias digitais, afinal, já vivemos no século XXI.
  
- Só pode ser considerado arte o que está no museu, ou que pelo menos alguma vez tenha sido exposto lá.
  
- O conceito de arte é aberto e pode estar sempre em construção.

- Quando vamos a uma exposição de arte é imprescindível que analisemos obra-a-obra, ou seja, não é correto selecionar apenas algumas para ver com maior atenção.
  
- A arte pode nos falar de diversas questões como, por exemplo: pessoais, cotidianas, políticas, ambientais, etc.
  
- Todos os artistas visuais tem um momento de fama.
  
- O artista é aquela pessoa que realiza a obra (mecanicamente). É quem domina a técnica, quem “coloca a mão na massa”.
  
- A arte deve ser bela e confortante. Jamais deve perturbar ou fazer provocações.
  
- Pode-se dizer que o artista é também um pesquisador.
  
- Arte depende de talento.
  
- Tudo é arte.
  
- Arte é expressão.
  
- O artista já nasce “artista”.
  
- Antigamente, não existiam artistas mulheres.
  
- Arte é reflexão.
  
- Todo o artista é famoso.

## APÊNDICE XVI – Termo de Consentimento

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE ARTES DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O trabalho de conclusão de curso (TCC) “ARTE e ESCOLA: Relações do público escolar com arte contemporânea” tem por objetivo buscar-criar-propor estratégias e proposições de trabalho que busquem a aproximação da arte contemporânea com a escola. Através da vivência com os estudantes de 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries, serão realizadas atividades de sondagem, proposições em aula, trabalhos escritos, entre outras atividades.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente a seleção de trabalhos, entrevistas e imagens que possam vir a ser publicadas neste trabalho. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético.

A participação nesta pesquisa não oferece risco aos seus participantes. Se, no decorrer da mesma, algum participante resolver não mais continuar, terá total liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa, eu, \_\_\_\_\_, R. G. sob nº \_\_\_\_\_, como responsável pelo(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, da \_\_\_\_\_ série, turma \_\_\_\_\_, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Estado do Rio Grande do Sul (EEEFERGS), autorizo sua participação na pesquisa, envolvendo a coleta de dados através de observações, entrevistas e imagens (na forma exclusiva de registros de atividades escolares) com o(a) referido(a) aluno(a), podendo seus resultados ser publicados, preservando a identidade do aluno.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2011.

Dados da pesquisadora:

Karine Storck – Licencianda em Artes Visuais pela UFRGS e Professora de Artes Visuais na EEEFERGS.

E-mail: [kastorck@hotmail.com](mailto:kastorck@hotmail.com)

**ANEXO I** - Duas<sup>136</sup> questões extraídas da Prova do ENEM 2011 (Prova Rosa), referentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias<sup>137</sup>.

Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2011/08\\_ROSA\\_GAB.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2011/08_ROSA_GAB.pdf)  
LC - 2º dia | Caderno 8 - ROSA - Página 12

Acesso em: 21 de novembro de 2011.

#### QUESTÃO 112



PICASSO, P. *Guernica*. Óleo sobre tela. 349 X 777 cm. Museu Reina Sofia, Espanha, 1937. Disponível em: <http://www.fdtreis.files.wordpress.com>. Acesso em: 28 jul. 2010.

O pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973), um dos mais valorizados no mundo artístico, tanto em termos financeiros quanto históricos, criou a obra *Guernica* em protesto ao ataque aéreo à pequena cidade basca de mesmo nome. A obra, feita para integrar o Salão Internacional de Artes Plásticas de Paris, percorreu toda a Europa, chegando aos EUA e instalando-se no MoMA, de onde sairia apenas em 1981. Essa obra cubista apresenta elementos plásticos identificados pelo

- A painel ideográfico, monocromático, que enfoca várias dimensões de um evento, renunciando à realidade, colocando-se em plano frontal ao espectador.
- B horror da guerra de forma fotográfica, com o uso da perspectiva clássica, envolvendo o espectador nesse exemplo brutal de crueldade do ser humano.
- C uso das formas geométricas no mesmo plano, sem emoção e expressão, despreocupado com o volume, a perspectiva e a sensação escultórica.
- D esfacelamento dos objetos abordados na mesma narrativa, minimizando a dor humana a serviço da objetividade, observada pelo uso do claro-escuro.
- E uso de vários ícones que representam personagens fragmentados bidimensionalmente, de forma fotográfica livre de sentimentalismo.

#### QUESTÃO 113



LEIRNER, N. *Tronco com cadeira* (detalhe), 1984. Disponível em: <http://www.teucultural.org.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.

Nessa estranha dignidade e nesse abandono, o objeto foi exaltado de maneira ilimitada e ganhou um significado que se pode considerar mágico. Daí sua "vida inquietante e absurda". Tornou-se ídolo e, ao mesmo tempo, objeto de zombaria. Sua realidade intrínseca foi anulada.

JAFFE, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, C.G. (org.). *O homem e os seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

A relação observada entre a imagem e o texto apresentados permite o entendimento da intenção de um artista contemporâneo. Neste caso, a obra apresenta características

- A funcionais e de sofisticação decorativa.
- B futuristas e do abstrato geométrico.
- C construtivistas e de estruturas modulares.
- D abstracionistas e de releitura do objeto.
- E figurativas e de representação do cotidiano.

<sup>136</sup> Aqui apresento somente duas como exemplo.

<sup>137</sup> Área esta que abrange as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Informática.

**ANEXO II – Localização da escola.**

**ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Rua Washington Luiz, 980 – CEP 90010-460 – Fone/Fax:3225.5875

